

Alexandra Baptichon Damis

O patriotismo em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto e *Os senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador prof. Dr. Valdir Prigol

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 11/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 VALDIR PRIGOL
Data: 12/12/2024 14:30:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Documento assinado digitalmente
 ALEJANDRA MARIA ROJAS COVALSKI
Data: 12/12/2024 15:17:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alejandra Maria Rojas (UFFS)

Documento assinado digitalmente
 CLEBER BICICGO
Data: 12/12/2024 15:46:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mestre Cleber Bicicgo

O patriotismo em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto e *Os Senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain¹

Alexandra Baptichon Damis²

alexandrabaptichon1998@gmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise comparativa dos romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e *Os Senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain, com foco na abordagem do tema do patriotismo. A pesquisa está organizada em três capítulos, que exploram diferentes dimensões desse tema nas obras. No primeiro capítulo, destacamos os projetos de pátria defendido por Policarpo Quaresma, examinando como ele desenvolveu projetos com o objetivo de ajudar sua terra natal. Também observamos o sentido da morte e a continuidade dos seus projetos e investigamos se os projetos foram mantidos, como foram desenvolvidos e para quem foram concluídos. No segundo, voltamos nossa atenção para Manuel Jean Joseph, exploramos o projeto de reconstrução e transformação social e avaliando o impacto de suas ações em sua comunidade. Assim como no caso de Policarpo, investigamos o sentido de sua morte e a perpetuação de seus projetos após a sua morte. No terceiro capítulo, analisamos a relação de literatura e patriotismo em ambos os romances.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Literatura haitiana; Triste fim de Policarpo Quaresma; Os Donos do orvalho ou Os Senhores do orvalho; Patriotismo; A morte.

Introdução

Afonso Henriques de Lima Barreto, nasceu em maio de 1881, no Rio de Janeiro, e faleceu em 1922. Foi um importante escritor, jornalista e cronista brasileiro, considerado um dos grandes nomes da literatura do pré-modernismo no Brasil. Sua obra mais emblemática,

1 Acadêmico(a) da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó.

2 Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Valdir Prigol.

Triste Fim de Policarpo Quaresma, foi inicialmente publicada em formato de *folhetins* entre agosto e outubro de 1911, na edição *vespertina do Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Em 1915, o romance foi lançado pela primeira vez em formato de livro, em uma edição independente do próprio autor. “A obra apareceu como livro só em 1915, publicada pela *Revista dos Tribunais*, única edição que o autor acompanhou em vida. Apesar de ter pagado por ela” (Barreto, 2011, p.9). Considerado um dos marcos da literatura brasileira do século XX, o romance oferece uma crítica contundente à sociedade e à política brasileira de sua época, tornando-se uma obra de grande relevância histórica e literária.

Por sua vez, *Os Senhores do Orvalho ou Os Donos do Orvalho* é uma obra do renomado escritor haitiano Jacques Roumain, nascido em 1907, em Porto Príncipe, e falecido em 1944. Descendente de uma família mulata rica, Roumain teve acesso a uma educação privilegiada, que ocorreu majoritariamente na Europa. Grande parte de seus livros, incluindo o romance *Os Senhores do Orvalho*, foi escrita enquanto estava no exílio no México.

Além de escritor, Roumain foi um político ativo e um defensor do marxismo no Haiti, sendo amplamente reconhecido como uma das figuras mais influentes da literatura haitiana. Roumain destacou-se como uma figura central na militância política e na intelectualidade do Haiti. Atuou de forma marcante na resistência contra a ocupação e o domínio dos Estados Unidos no país, ocorridos entre 1915 e 1934.

A obra foi muitas vezes considerada um clássico da literatura haitiana, publicado em 1944 após a morte de seu autor, com o título original em francês *Gouverneurs de la Rosée* e em crioulo haitiano *Mèt Lawouze*. Considerada como uma das obras mais importantes da literatura caribenha do século XX. Pouco depois de sua publicação original, a obra foi traduzida para várias línguas. No Brasil, a primeira tradução, intitulada *Os Senhores do Orvalho* (1954), foi lançada na coletânea *Romances do Povo*, organizada pelo escritor Jorge Amado nos anos 1950. Essa edição foi publicada pela Editorial Vitória, então associada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Diante do exposto, este trabalho apresenta uma análise comparativa entre os dois romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Os Senhores do Orvalho*. Nesse sentido, os objetivos específicos desta pesquisa são: analisar o projeto de pátria de cada personagem, examinar o sentido da morte dos protagonistas em ambos romances e investigar a continuidade do projeto após a morte de dois protagonistas.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa está organizada em três seções principais, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, destacamos os projetos,

o sentido da morte e a continuidade dos projetos de Policarpo Quaresma. Na segunda, abordamos os mesmos aspectos relacionados a Manuel Jean Joseph. Na terceira seção, analisamos a relação de literatura e patriotismo em ambas as obras.

2. Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto

2.1. Projetos de Policarpo Quaresma

O romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1916), considerado a obra mais famosa de Lima Barreto, é dividido em três partes e explora temas como nacionalismo e patriotismo por meio do personagem principal. No entanto, nesta seção, nosso foco é especificamente nos projetos patrióticos de Quaresma, a morte de Policarpo Quaresma e seu significado e a continuidade do seus projetos após a sua morte.

Na primeira parte do livro, Quaresma tinha o projeto de aprender a tocar violão. Ele procurava saber quem era o melhor músico da cidade para tomar aulas com ele. O renomado artista que ele encontra é Ricardo Coração dos Outros, conhecido pela sua habilidade em cantar modinhas e tocar violão. "Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha. Estava nisso tudo *a quo*, mas procurou saber quem era o primeiro executor e cantor da cidade e tomou lições com ele". (Barreto, 2012, p10)

Naquela época, o violão era visto com desconfiança no Rio de Janeiro, pois era associado à boemia e aos grupos considerados marginalizados. Até mesmo a irmã de Quaresma, Adelaide, desaprovava que ele aprendesse a tocar esse instrumento. Ela acreditava que tocar violão estava relacionado a comportamentos indesejáveis. Quaresma, no entanto, discordava: "Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor que todo homem que toca violão é um desclassificado" (Barreto, 2012, p.4). Apesar das objeções, Policarpo decidiu aprender violão com Ricardo Coração dos Outros, acreditando que tocar e cantar modinhas

era uma forma de valorizar a genuína música brasileira, e ninguém, nem mesmo sua irmã Adelaide, poderia impedi-lo.

A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, no século passado, com o Padre Caldas que teve um auditório de fidalgas. Beckford, um inglês, muito o elogia.— Mas isso foi em outro tempo; agora...— Que tem isso, Adelaide? Convém que nós não deixemos morrer as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais...— Bem, Policarpo, eu não quero contrariar você; continue lá com as suas manias. (Barreto, 2012,p.4)

Além de seu interesse pelo violão e pelas modinhas, Quaresma tinha uma forte predileção por comida tipicamente brasileira e seu jardim era adornado exclusivamente com plantas nativas. Ele tinha o hábito de chegar em casa pontualmente às quatro e quinze da tarde, mantendo essa rotina por mais de vinte anos. Embora levasse uma vida relativamente isolada, Quaresma era sempre educado e cordial com seus vizinhos, que o que o achavam um pouco esquisito.

Através de seus estudos, manifestava-se o patriotismo de Quaresma, apesar de não ter uma formação acadêmica formal. A paixão pela cultura brasileira refletia-se nas suas escolhas literárias, que incluíam autores como Bento Teixeira, Gregório de Matos, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, José de Alencar, Macedo e Gonçalves Dias. Sua biblioteca, sempre bem iluminada com janelas abertas para o exterior, estava repleta de livros sobre literatura, história e geografia do Brasil. Essa dedicação ao conhecimento refletia seu profundo amor pelo país e sua busca por uma identidade cultural mais autêntica.

Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major. De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (Geschichte von Brasilien), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. (Barreto, 2012, p. 5)

Em relação às suas lições de violão, Quaresma foi frustrante, pois não conseguiu aprender e acabou desistindo das aulas com Ricardo Coração dos Outros. No entanto, ele tinha outro projeto: a língua do país. Quaresma demonstrou seu profundo amor pela Pátria ao se preocupar com a língua oficial do país. Há um ano, ele dedicava suas manhãs ao estudo do Tupi-Guarani, usando o livro *Arte y diccionario de la lengua guaraní*. Sempre teve um grande interesse pelos indígenas e acreditava que eles não eram devidamente valorizados, apesar de serem os verdadeiros guardiões da cultura autêntica brasileira. Por isso, enviou um Requerimento ao Congresso Nacional propondo que o Tupi-Guarani substituísse o português como língua oficial do país.

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundo estudiosos do nosso idioma, usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi – guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênias para lembrar que a língua é mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. Demais senhores congressistas, o tupi – guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr – nos em relação com a nossa natureza e adaptar – se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológicas para que tendemos, evitando – se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto impedem o progresso da nossa cultura científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômico de que a Câmara e o Senado pesarão e seu alcance e utilidade. P. e E. Deferimento. (Barreto, 2012, p. 44)

Este ato simboliza o desejo de Quaresma de recuperar e valorizar as raízes culturais do país, buscando uma identidade nacional genuína e distinta. Segundo Paura (2011) a proposta de colocar a língua Tupi-Guarani como língua oficial foi uma forma de expressar seu

patriotismo pela busca dos elementos culturais construtores da Pátria, da identidade e da singularidade nacional.

Da Silva (2021) analisa a questão indígena no romance de Lima Barreto, destacando que a sociedade republicana coloca o indianismo no centro das tensões sociais e políticas. Segundo ele, Quaresma reconhece que a presença física dos indígenas é praticamente impossível devido ao processo de colonização, que levou à dizimação de milhares de nativos em confrontos históricos. Embora a presença física da população indígena tenha desaparecido, Quaresma busca resgatar a essência indianista por meio de aspectos culturais, como a proposta de tornar o Tupi-Guarani a língua oficial do Brasil. Para Quaresma, mesmo na ausência física dos índios, sua influência cultural continua a ser uma matriz idealizada.

No entanto, a proposta de Policarpo é recebida com risos, tornando-se alvo de reportagens e piadas na imprensa durante duas semanas. Ele não consegue compreender o motivo pelo qual seu pedido foi rejeitado e a reação negativa dos colegas e da mídia. "Este requerimento do major foi durante dias assunto de todas as palestras. Publicado em todos os jornais, com comentários facetos, não havia quem não fizesse uma pilhéria sobre ele" (Barreto, 2012 p. 44). Obcecado pelo estudo da língua, Quaresma chega a datilografar um documento em Tupi-Guarani, preocupado com a suspeita de que seus colegas duvidavam de seu conhecimento sobre a língua que ele defendia com tanto empenho. O documento foi assinado pelo diretor sem a devida consideração e enviado ao Ministério, que rejeitou a proposta e devolveu-a ao Arsenal com uma censura. Quando o secretário tomou conhecimento do ocorrido, aplicou uma suspensão a Quaresma.

Não conseguindo alcançar seu objetivo, Quaresma desanima e acaba sendo internado em um hospício. Após sua saída, ele permanece abatido, triste e isolado, sem coragem para sair de casa. Sua afilhada, Olga, preocupada com seu estado, sugere que ele compre o sítio "Sossego" para cultivar suas próprias verduras e frutas, com a esperança de reanimar o espírito do padrinho. Olga se dirige a Quaresma com gentileza e diz:

O padrinho por que não compra um sítio? Seria tão bom fazer as suas culturas, ter o seu pomar, a sua horta... não acha? Tão taciturno que ele estivesse, não pôde deixar de modificar imediatamente a sua fisionomia à lembrança da moça. Era um velho desejo seu, esse de tirar da terra o alimento, a alegria e a fortuna; e foi lembrando dos seus antigos projetos que respondeu à afilhada: — É verdade, minha filha. Que magnífica ideia tu tens ! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem

os terrenos mais férteis do mundo.. O milho pode dar até duas colheitas e quatrocentos por um...(Barreto, 2012, p.70)

Seguindo a sugestão da Olga, ele adquiriu o sítio. Seu plano era cultivar produtos agrícolas que simbolizavam a riqueza nacional. No objetivo de analisar as condições do solo e do clima da região, Quaresma equipou-se com uma série de instrumentos e livros especializados. Contando com a ajuda de seu antigo conhecido Anastácio, ele iniciou as atividades agrícolas, dedicando-se ao cultivo da terra e à colheita. Gradualmente, Quaresma aprendeu a usar a enxada e se familiarizou com as técnicas de cultivo. No entanto, as máquinas que ele comprou começaram a enferrujar e o galinheiro ficou vazio devido a uma infestação de formigas que destruiu tudo. Como descrito, "desde aquele ataque às provisões de Quaresma, logo afugentadas, não mais as formigas reapareceram; mas, naquela manhã, quando contemplou o seu milharal, foi como se lhe tirassem a alma, e ficou sem ação e as lágrimas lhe vieram aos olhos" (Barreto, 2012, p. 115).

Ademais, Quaresma recebeu uma multa de quinhentos mil-réis por ter enviado produtos de sua lavoura sem pagar os impostos devidos. Embora tivesse que pagar a multa com a economia que lhe restava, como um bom patriota, ele aceitou a penalidade. Segundo Silviano Santiago (1984) a experiência rural de Policarpo Quaresma se configura como uma segunda grande decepção, pois Quaresma foi vítima de perseguições políticas e de uma natureza que se revela hostil, representada pelas saúvas e ervas daninhas, isolando-o ainda mais.

Indignado com o tratamento injusto que os políticos da Curuzu estavam dispensando aos agricultores, Quaresma decidiu redigir um Memorial ao Presidente. No documento, ele expõe as medidas necessárias para o desenvolvimento da agricultura e para o progresso da nação."Aproveitara os dias até para redigir um memorial que ia entregar a Floriano. Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas"(Barreto, 2012, p.138). Sua irmã, Adelaide, não concordou com a ideia de ele se juntar ao exército militar e tentou dissuadi-lo, mas Quaresma já havia tomado sua decisão:

"Dona Adelaide fez mil objeções à sua partida; mostrara-lhe os riscos da luta, da guerra, incompatíveis com a sua idade e superiores à sua força; ele, porém, não se deixa abater, fizera pé firme, pois sentia, indispensável, necessário que toda a sua vontade, que toda a sua inteligência, que tudo o que ele tinha de vida e atividade fosse posto à disposição do governo, para então!... oh! (Barreto, 2012 . p.138).

Mais uma vez, o projeto de Quaresma fracassou, mas ele não aceitou a derrota. Em vez de desistir, aceitou o convite de Marechal Floriano para se juntar ao exército militar voluntariamente durante a Revolta da Armada, na esperança de contribuir para a defesa do país e a consolidação da República.

2.2. A morte do Policarpo Quaresma

Ao se juntar ao exército, Quaresma acreditava que estava se unindo a uma força militar que defendia a legislação justa, a honestidade e a luta contra a corrupção e as injustiças. No entanto, logo percebeu que estava imerso em um ambiente dominado pela ditadura e por práticas corruptas.

Após ser ferido em combate, Policarpo Quaresma "aceitou com repugnância o papel de carcereiro" (Barreto, 2012, p.193). Na prisão, ele testemunhou atrocidades cometidas contra os presos políticos e, acreditando que poderia mudar a situação, decidiu escrever uma carta ao Marechal Floriano Peixoto denunciando essas injustiças. No entanto, o presidente interpretou suas palavras como um ato de traição. Considerado um traidor, Quaresma foi condenado à execução sem um julgamento sério. "Aqueles homens, acusados de crime tão nefasto em face da legislação da época, tinham levado dois anos a ser julgados; e ele, que não tinha crime algum, nem era ouvido, nem era julgado: seria simplesmente executado!" (Barreto, 2012, p.200)

Durante seu encarceramento, o pensamento de Policarpo Quaresma é repleto de angústia, desilusão e reflexão. Ele questiona seus ideais de patriotismo e a validade de suas crenças em um país que não valoriza suas contribuições. Ele reflete sobre sua luta por um país melhor, a promoção da cultura nacional e o desejo de resgatar a língua Tupi-Guarani. Essa

autoanálise o leva a uma profunda frustração, pois percebe que seus esforços foram em vão e que a sociedade não acolhe suas aspirações.

Além disso, a solidão amplifica seu sofrimento emocional. Quaresma se sente cada vez mais isolado e incompreendido, o que o leva a ponderar sobre o verdadeiro significado do patriotismo em um contexto tão hostil.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizer combatente, o que achara? Decepções.(Barreto, 2012, p.198)

Quando Ricardo soube da prisão de seu amigo, ele buscou a ajuda de Genelício, Albernaz e Bustamante para libertá-lo, mas ninguém se dispôs a ajudá-lo, pois agora ele era considerado um traidor. Após todas as recusas em apoiar Quaresma, ele lembrou da afilhada e decidiu procurar sua ajuda. Olga tentou conversar com o presidente Marechal Floriano Peixoto, esperando que pudesse salvar seu padrinho, mas não foi recebida. Triste por ter manchado a dignidade de Quaresma com seu pedido, ela sentiu que ele merecia morrer de maneira heroica, com sua honra intacta.

— Não é possível, minha senhora. O marechal não a atenderá. Ela nem lhe esperou o fim da frase. Ergueu-se orgulhosamente, deu-lhe as costas e teve vergonha de ter ido pedir, de ter descido do seu orgulho e ter enxovalhado a grandeza moral do padrinho com o seu pedido. Com tal gente, era melhor tê-lo deixado morrer só e heroicamente num ilhéu qualquer, mas levando para o túmulo inteiramente intacto o seu orgulho, a sua doçura, a sua personalidade moral, sem a mácula de um empenho que diminuísse a injustiça de sua morte, que de algum modo fizesse crer aos seus algozes que eles tinham direito de matá-lo.(Barreto, 2012, p.207)

Lilia Schwarcz (2008, p.1), afirma que Quaresma é um patriota diferente, pois sua lealdade à pátria é baseada em ideais e não em interesses pessoais. Isso ressalta a pureza de suas intenções, mas também sua vulnerabilidade diante de um sistema que não reconhece e valoriza esses valores.

"Policarpo era um patriota distinto dos demais, pois sua pátria era aquela retirada dos livros, da sua biblioteca, do seu gabinete é feita apenas de ideal – não do interesse pessoal. “Triste fim” é construído, desta maneira, a partir de uma série de desencantos: com a política, com os livros, com o Brasil. Há também nele uma crítica dura e teimosa ao autoritarismo e à repressão ao pensamento divergente, cujo destino só pode ser o manicômio, a prisão ou a morte. Por isso, esse é um livro triste, amargurado, e que retoma o pessimismo que já ia se colocando à própria história de Lima Barreto"(Schwarcz, 2008, p.1).

Ou seja, a autora destaca a natureza idealista e desinteressada do patriotismo de Policarpo Quaresma, contrastando-o com a realidade corrupta e autoritária que enfrenta. A trajetória de Quaresma, marcada por sucessivos desencantos com as instituições e valores da República, reflete a crítica profunda e persistente de Lima Barreto ao autoritarismo e à repressão ao livre pensamento. O destino trágico de Quaresma, simbolizando o colapso dos seus ideais e o seu inevitável confronto com uma sociedade que não valoriza os seus princípios, contribui para o tom melancólico e desolado da obra. Assim, o “Triste Fim de Policarpo Quaresma” não apenas narra a desilusão de um homem, mas também oferece uma amarga reflexão sobre o fracasso das aspirações republicanas no Brasil.

A morte de Policarpo Quaresma, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto não é descrita, mas é anunciada. O autor opta por deixar o desfecho em aberto, sem esclarecer se Quaresma foi executado ou não, permitindo que o leitor reflita sobre o destino trágico do personagem.

A suposta morte de Quaresma carrega significados profundos e multifacetados. Diversos autores interpretam o final triste da obra através do significado do nome "Policarpo Quaresma" e acreditam que o protagonista morreu em vão e não deixou frutos depois da sua morte. Segundo Santiago (1984, p.10-11), esse final melancólico reflete a polissemia do sobrenome "Quaresma", que se refere tanto ao período de 40 dias de jejum que segue o sacrifício de Cristo quanto a uma espécie de coqueiro nativo do Brasil. Nesse sentido, "Quaresma" simboliza o caminho em vão do bode expiatório, além de representar o ícone

romântico da brasilidade ufanista associado ao coqueiro. A vida sem sentido de Policarpo pode ser vista como uma metáfora para um parasita da civilização, alguém que passa por ela sem realmente viver. Ele é uma figura a-histórica, que se esvai e desaparece sem deixar legado, sem "fruto", sem "carne da sua carne", como se não tivesse deixado nada para trás.

Conforme a análise de Schwarcz (2008), o nome Policarpo significa "aquele que tem e produz muitos frutos", embora a vida do protagonista não resulte em nenhum "produto". Por outro lado, Quaresma tem diversos significados, entre eles, o período de quarenta dias de jejum e penitência que antecede a Páscoa, em memória ao sacrifício de Cristo, um ato de consagração que, apesar de seu desfecho triste, pode estabelecer um pacto com a sociedade. O verbo "carpo" (derivado de "carpir", que significa chorar ou lamentar) evoca a tristeza, presente no título da obra. Ainda, Quaresma também designa uma espécie de coqueiro, uma árvore que já aparece em nossos primeiros mapas do século XVII. Segundo a autora, Policarpo Quaresma se torna uma representação complexa: uma figura reminescente de Cristo, mas marcada pela desilusão de sua nacionalidade tropical; um líder melancólico que almeja um futuro eterno.

Portanto, ao ler a obra *Triste Fim de Policarpo* percebe-se que a suposta morte do Quaresma carrega outros significados que vão além da significação do seu nome. Em primeiro lugar, essa morte simboliza a frustração de um idealista que se dedica a promover a cultura e a identidade brasileiras, mas seus projetos foram sistematicamente frustrados. Seu primeiro projeto, uma lição de violão, foi mal recebida pela vizinhança. Em seguida, sua proposta de tornar a língua Tupi-Guarani a língua oficial foi alvo de escárnio e zombarias na imprensa. O terceiro projeto, voltado à promoção da agricultura, encontrou resistência e perseguições políticas. Por fim, sua ideia de uma pátria mais justa o rotulou como revolucionário, resultando em sua condenação à execução.

Essa trajetória ilustra a luta de um homem por um país melhor, que acaba sendo traído pelo próprio sistema que defende, sendo visto como traidor e revelando a falta de reconhecimento e apoio aos que buscam mudanças. Sobre isso, Da Silva *et al* (2020 p.8) comenta assim:

Em sua trajetória, Policarpo Quaresma parte de uma visão idealizada do Brasil, proveniente de livros, e tenta manifestar aspectos relacionados ao que ele acreditava ser genuinamente brasileiro. Porém em seus atos patrióticos, Policarpo sempre termina se frustrando em relação às suas expectativas e, isso, ao final da obra, faz com que ele perceba que a

realidade do Brasil é diferente do que idealizava. (Da Silva *et al*, 2020, p.8)

Sua suposta execução demonstra a injustiça e a desigualdade social presentes no sistema político do século XX. Da Silva *et al* (2020) faz uma retrospectiva do período da República Velha no Brasil, destacando que essa fase representou a transição do poder da monarquia para pequenos grupos ou famílias que controlavam vastas riquezas e privilégios, as chamadas oligarquias. Ele ressalta que esse processo intensificou a desigualdade social, uma vez que enquanto uma minoria acumulava a maior parte das riquezas, a maioria da população vivia em condições de miséria, sem acesso ao básico para a sobrevivência.

A morte de Quaresma é um ato de heroísmo, evidente ao final do romance. Embora sua morte seja trágica, ela também é heroica. Quaresma pode ser visto como um mártir de seus princípios, e sua trajetória se transforma em um exemplo de coragem. Isso sugere que a luta pela justiça e pela verdade é digna, mesmo que o resultado final seja a morte. Sua vida e sua morte inspiram outros a persistir na busca por um mundo mais justo.

2.3. A continuidade dos projetos após a sua morte

Embora a história de Policarpo seja marcada por tragédias, o final revela uma esperança para o futuro deixado nas mãos das novas gerações. Personagens como sua afilhada, Olga, simbolizam a nova geração que pode continuar a luta por um Brasil mais justo. A figura de Olga representa a possibilidade de renovação e continuidade dos ideais de Quaresma, sugerindo que, mesmo diante da desilusão, sempre há espaço para a esperança e a ação transformadora. É importante não apenas recordar os ideais de Quaresma, mas também tomar a iniciativa de lutar por um Brasil que reflita esses valores. A morte de Policarpo não significa o fim de seus sonhos, mas sim um convite para que as novas gerações se apropriem de sua luta e a levem adiante. Hemilewski (1998, p. 7), faz uma reflexão sobre essa esperança:

Se o fim de Policarpo Quaresma é trágico, o final da obra não o é, pois Lima Barreto antevê um futuro para a sociedade brasileira. Olga, a afilhada de Quaresma, após fracassada tentativa de salvar o padrinho da prisão, olhando os bondes e os carros que passam pelas ruas da cidade, adquire consciência das transformações efetuadas na marcha da História, percebendo que outras modificações acontecerão. A visão de Olga, uma filha de imigrantes não comprometida com a classe dominante, é a esperança de um futuro melhor, cuja História será escrita por pessoas como ela. Essa visão de esperança se contrapõe à total desilusão de Quaresma (Hemilewski, 1998, p.7).

Além disso, no final da obra nasce uma amizade entre Olga e Ricardo dos Outros. Como mencionado na seção anterior, quando Ricardo soube da prisão de seu amigo ele busca apoio de pessoas que ele acredita poderem interceder junto ao presidente Marechal Floriano para libertar Quaresma, mas todos os seus esforços se mostram em vão. Diante da frustração, sua última alternativa é Olga, que, apesar da proibição do marido, decide acompanhá-lo na tentativa de conversar com o presidente Peixoto para salvar seu padrinho. O romance termina com a saída de Olga do palácio, imersa em um profundo sentimento de tristeza, pois o presidente não atendeu ao pedido de ajuda, e a possibilidade de que seu padrinho, Quaresma, possa morrer é quase certa. No entanto, junto a essa tristeza, Olga também experimenta um sentimento de orgulho, reconhecendo que seu padrinho enfrenta a morte com dignidade, como um verdadeiro herói.

Enquanto caminha para se encontrar com Ricardo, ela observa o ambiente fora do palácio, refletindo sobre a injustiça da situação e o legado de luta que Quaresma representa. Esse momento de contemplação destaca a conexão entre a dor e a esperança, simbolizando a continuidade dos ideais que ela e Ricardo podem levar adiante.

Saiu e andou. Olhou o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, e se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fora há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, as casas, as igrejas: viu os bondes passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha, atravessou-lhe na frente, quando já a entrar do campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fora aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima... Esperemos mais, pensou ela; e seguiu serenamente ao encontro de Ricardo Coração dos Outros (Barreto, 2012, p.207-208).

Assim, o final da obra não apenas resume a tragédia de Policarpo Quaresma, mas também marca o surgimento de uma amizade entre Ricardo dos Outros e Olga, a afilhada de Quaresma, que representa o início de uma nova política. De acordo com Agamben (2012, p.5), "a amizade é a instância deste co-sentimento da existência do amigo na consciência do próprio existir. Mas isto significa que a amizade também tem uma dimensão, ao mesmo tempo, ontológica e política". Certamente esta amizade é o fruto deixado por Quaresma após a sua morte.

Embora os projetos de Quaresma não tenham se concretizado em sua vida, sua execução representa um renascimento e um compromisso com um Brasil mais justo. A obra de Lima Barreto nos convida a refletir sobre a importância da renovação e da ação coletiva para a construção de um futuro mais igualitário. A jornada de Olga é um apelo à continuidade da luta por justiça e inclusão, mostrando que, mesmo após perdas e frustrações, a esperança permanece viva. A história não se encerra com a tragédia de um único personagem; pelo contrário, ela se transforma, permitindo que novas vozes e sonhos emergem, prontos para desafiar as estruturas existentes e moldar um amanhã melhor. É essa continuidade de luta que realmente perpetua o legado de Policarpo Quaresma.

3. Os Senhores do Orvalho, de Jacques Roumain

3.1. Projeto de Manuel Jean Joseph

Em 1944, após a morte de Jacques Roumain, o mundo literário haitiano foi agraciado com uma obra-prima: *Os Senhores do Orvalho*. Mais do que um simples romance, essa narrativa se consagra como um pilar fundamental da literatura do país, abordando com maestria temas como patriotismo, a luta pela terra e a força da comunidade. Nesta seção, nosso foco é especificamente no projeto patriótico de Manuel Jean Joseph, a morte do Manuel e seu significado e a continuidade do seus projetos após a sua morte.

O romance *Os Senhores do Orvalho* começa com a volta do Manuel à comunidade de Fonds Rouge, no Haiti, após passar quinze anos trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar

em Cuba. Ao retornar, ele é recebido por uma paisagem que, embora antes verdejante e vibrante em sua memória, agora se encontra marcada pela seca e pela degradação.

Não se via senão uma planície de campeches, de acácias e de sarças, pontilhada de cactos. A linha das montanhas estendia-se a leste não muito alta de um cinza violáceo que, à distância, esmaecia, confundindo-se com o Céu. O chofer freou. O forasteiro desceu, puxou uma sacola, que levou aos ombros. Era alto, negro, com um casaco abotoado até o colarinho, calças de mescla azul, presas às perneiras de couro. Um facão comprido e embainhado pendia-lha da cintura. Acenou com um toque na aba ampla de seu chapéu de palha, e o caminhão arrancou. Com o olhar, o homem saudou uma vez mais essa paisagem reencontrada: era claro que ele havia reconhecido, sob o tufo dos zimbros, a picada, apenas visível entre esse montão de rochas, de onde emergia o talo das piteiras, coroadas por cachos de flores amarelas. Aspirou o aroma dos zimbros, mais rescendentes com o calor; sua recordação do lugar estava ligada a esse cheiro picante (Roumain, 2020, p.22).

A realidade que Manuel encontra na comunidade provoca uma reflexão profunda sobre a vida local e a necessidade urgente de mudança. Enquanto muitos veem a seca como uma punição divina, Manuel se recusa a aceitar essa fatalidade passivamente. Determinado a trazer água para a comunidade, ele está disposto a lutar por isso a qualquer custo.

Manuel não é um homem comum; ele já possui conhecimento sobre irrigação, adquirido durante seu tempo em Cuba, onde trabalhou em projetos semelhantes. Esse conhecimento lhe proporciona uma certa confiança e habilidade naquilo que se propôs a fazer ali. Damus (2013) reconhece em Manuel as qualidades de um verdadeiro pesquisador, um cientista social nato. Sua habilidade de observar a realidade ao seu redor, sua mente crítica e sua busca por soluções concretas o colocam como um exemplo de liderança transformadora.

Com essa determinação, Manuel começa a investigar sobre os antigos rios que, no passado, abasteciam a região. Ele pergunta ao seu pai, um dos mais velhos da comunidade sobre esses rios, tentando entender como funcionava o sistema hídrico da área e buscando pistas que possam ajudá-lo a resolver a crise atual.

– E a fonte de Fanchon? – A fonte de Fanchon, o quê? Bienaimé metia no cachimbo o que restara do charuto da véspera. – Falo da água. – Está seca como a palma da minha mão. – E a fonte de Lauriers? – Meu negro, tu és teimoso. Nem uma gota, ali também. Só ficou o pântano de Zombi, mas é

uma lagoa de mosquitos, água podre como cobra morta, enrolada, tão grossa que não pode correr (Roumain, 2020, p.42).

Infelizmente, todos os rios foram secados, deixando a comunidade sem uma gota de água. No entanto, essa realidade não desanima Manuel; ao contrário, a situação o incentiva a buscar uma nascente que possa fornecer água para criar um sistema de irrigação. Durante sua busca, Manuel percebe a desunião que permeia a comunidade, especialmente entre sua família e outra família. Enquanto explora a região, ele encontra um jovem trabalhando nas proximidades. Manuel cumprimenta-o com um sorriso amigável, mas o rapaz não reage. Em vez disso, o observa com desconfiança, como um "animal acossado em terreno de moitas de espinhos" (Roumain, 2020, p.45). A tensão entre eles é palpável. Quando Manuel se apresenta, o jovem reage com frieza:

– És o negro que voltou ontem de Cuba? – Sou eu mesmo.– És o filho de Bienaimé?– Sou eu mesmo.Com os olhos apertados até deixar ver senão uma chispa ardente, o colono encarou Manuel; depois, com uma lentidão calculada, voltou-lhe as costas, cuspiu e se pôs de novo a armar o balão (Roumain, 2020, p.45).

Essa interação deixa Manuel dividido entre a surpresa e a raiva. Ao chegar em casa, ele conta aos seus pais sobre o que acabou de vivenciar. Ele também se lembra da conversa que teve com uma moça enquanto caminhava para casa; quando se apresentou, ela se virou sem despedir, deixando-o ainda mais frustrado. Nesse momento, seu pai revela a profundidade da desunião na comunidade. Ele compartilha a história que originou essa divisão, destacando os antigos conflitos e os ressentimentos que marcaram as relações entre as famílias.

Tenho uma coisa para te perguntar, mamãe. Mas, antes, quero me lavar. Tirou água da jarra e encheu uma gamela. Atrás da choupana, o dorso nu, sua pele, esfregada com vigor, tornava umas luzes luminosas e os músculos se esticam com flexibilidade, como linhas inchadas de seiva. Voltou, aliviado pelo calor, e arrastou o banco para debaixo das ramagens. A mãe sentou-se perto dele. Ele contou-lhe sua estranha aventura. – Mas como é esse negro? – perguntou Bienaimé, que despertara. – É um negro bem negro, atarracado e truncado, com o cabelo

bem encarapinhado. – E de olhos bem fundos? – Sim. – É Gervilén – disse Bienaimé. Ah, maldito! Cachorro! Vagabundo! – E, ontem, vim no caminho com uma moça, conversando como amigos, mas, quando lhe disse quem eu era, deu-me as costas. – Que tipo de negra era ela? – interrogou de novo o velho. – De bom porte, com olhos grandes, dentes brancos, pele fina. Disse-me seu nome; Annaïse é corno se chama. – É a filha da Rosanna e do falecido Beaubrun. Uma grande isca para pescar os tolos com seus olhos de vaca leiteira; que me importa a pele que tem; eu nunca andei de riso com ela para ver seus dentes. Bienaimé fervia de ódio e as palavras se embrulharam na barba espessa. – Por que somos inimigos? – perguntou Manuel a seu pai – É uma história antiga – começou o velho – mas não está esquecida. Estavas em Cuba nessa época. Mastigou o cano do cachimbo. – Correu sangue – Conta, papai, estou ouvindo – disse Manuel cortesmente. – Pois bem, meu filho, quando o finado Johannes Lonjeannis morreu, o General Lonjeannis, como a gente dizia, porque tinha feito a guerra com os “cacos” , foi preciso partilhar as terras. – Era um verdadeiro “don” , se tu te lembras, esse General Lonjeannis, um negro educado, um patriarca: não se vê mais desse tipo. Para ele, todos nós éramos parentes. Fez tanto filho que perdeu a conta. Com a minha própria tia-avó teve Dorisca, o pai desse Gervilén – que a maldição do inferno caia sobre sua cabeça sarnenta. Uma partilha dá muita discussão, é certo, mas em família a gente termina por entrar em acordo, não é? Um diz: “Concordas, compadre fulano”? E o compadre fulano responde: “Concordo”; e cada um toma seu pedaço de terra. A terra não é uma nesga de pano, dá para todos. Mas não é que Dorisca fica como uma mula empacada? E lá um dia vem com a família e um bando de capangas e toma posse dela. Nós fomos ver o que se passava. Eles estavam já em pleno mutirão, Dorisca e seu bando, e não tinham feito economia de “branquinha”. Meu irmão, o falecido Sauveur Jean-Joseph, que Deus tenha pena de sua alma, não era capão e foi o primeiro a chegar perto: “Compadre Dorisca – disse – tu não estás no teu direito”. Mas Dorisca lhes respondeu: “Sai de minha terra, que eu te estraçalho de tal jeito que até os cachorros vão vomitar”. “Então, tu me estás ofendendo”, disse o finado Sauveur. “Merda” – respondeu Dorisca, e tua mãe isso e tua mãe aquilo. “Não devias ter dito isso” – respondeu Sauveur, tirando o facão antes do outro. E acabou com ele. Então começou a briga. Houve muita gente ferida. Eu mesmo... Bienaimé abriu a camisa e mostrou com o dedo a marca funda de uma cicatriz entre os pelos brancos do peito. – E Sauveur morreu na cadeia. Era meu irmão menor e um negro bom (Roumain, 2020, p.49).

Essas revelações fazem Manuel perceber que, além do projeto de buscar água, sua missão também envolve a necessidade de curar essas feridas e unir a comunidade. Com esse novo entendimento, ele se compromete a não apenas revitalizar a terra, mas também a restaurar os laços entre as pessoas, reconhecendo que a união é fundamental para a sobrevivência e o futuro de Fonds-Rouge.

Continuando sua busca pela fonte na região, Manuel encontra novamente Annaïse. Na primeira vez em que se viram, ela partiu sem se despedir, mas agora ele decide cumprimentá-la e tentar estabelecer uma conversa. No entanto, Annaïse, sentindo-se intimidada, tenta se

afastar. Apesar de seu receio, há algo em Manuel que a intriga e a impede de ir embora. Manuel percebendo sua hesitação, expressa seu desejo de conversar, mas nota que a noite já está avançada. Compreendendo a situação, ele propõe que se encontrem no dia seguinte à noite, no alto da colina das palmeiras. Ele acredita que, nesse ambiente tranquilo, poderão conversar sem pressa e discutir suas ideias para a comunidade. Annaíse hesita por um momento, mas acaba concordando, deixando uma expectativa no ar sobre o que essa conversa pode revelar.

Caminhou lentamente para ela. – Desejo-te bom dia, sim, Annaíse? Alguns passos os separavam. – Sai da minha frente. Ela respirava forte, seu peito arfava. – Conta-me o que foi que te fiz e porque somos inimigos. Ela esquivava o rosto. – Não tenho que dar explicações. Estou com pressa: deixe-me passar. – Responde primeiro. Não quero te forçar, Annaíse. Tenho amizade contigo. É verdade, acredita. Ela suspirou: – Ai, minha gente, que homem mais renitente! Parece que não tem ouvido para ouvir. Estou dizendo que saias do meu caminho, sim? Via-se que fazia um esforço para mostrar-se impaciente e aborrecida. – Eu te procurei por aí tudo, mas estavas escondida, como se eu fosse o próprio lobisomem. Queria te falar porque sei que podes me ajudar. – Ajudar? Eu? E como? – Perguntou surpresa. Pela primeira vez o fitou, e Manuel viu que não existia cólera em seus olhos, mas apenas uma grande tristeza. – Posso contares, se quiser ouvir. – Vão nos ver – murmurou debilmente. – Ninguém virá e, mesmo que viesse... Será que ainda não está cansada de todo este ódio entre nós Annaíse? – A vida já é tão dura, e mais ainda. Como a vida da gente ficou difícil Manuel reagiu rapidamente. – Deixa-me ir, deixe-me ir, pelo amor de Deus. – Então, não tinhas esquecido o meu nome? Ela respondeu com voz sumida: – Não me atormentes, por favor. Tomou-lhe a mão. Ela quis retirá-la, mas não teve ânimo. – Mão de trabalhadora, vê-se logo... – Sim, disse ela com orgulho – minhas mãos estão gastas. – Tenho muito que conversar contigo, sabes? – Não há tempo. Olha, já é noite. O caminho se apagava. As árvores enegrecidas fundiam-se com a sombra. No céu restava apenas um clarão vacilante, ensombrecido e longínquo. Sozinha na linha do horizonte, uma nuvem vermelha e negra dissolvia-se na vertigem do crepúsculo. – Será que tens medo de mim, Annaíse? – Amanhã, de noitinha, quando o sol estiver no pé do morro, vou te esperar no alto da colina das palmeiras. Será que vens? – Não, não. Sua voz era baixa e cheia de medo. – Anna – fez ele. Sentiu a mão dela tremer entre as suas. – Tu vais, não vais, Anna? – Ah! Não me atormentes, parece que perdi meu anjo da guarda. Por que me atormentas, Manuel? Viu os olhos dela cheios de lágrimas e, entre seus lábios suplicantes, o brilho úmido de seus dentes. Soltou-lhe a mão. – Já é de noite, Anna, vai em paz, descansar, negra. Ela já não estava mais ali; andando, seus pés nus não faziam ruído. Ele repetiu: – Vou te esperar Anna (Roumain, 2020, p.74).

Annaíse não consegue dormir bem, a mente cheia de pensamentos sobre o encontro marcado para o dia seguinte. Quando o sol começa a surgir no horizonte, iluminando suavemente o pé do morro, ela decide que é hora de ir ao encontro de Manuel. Com um misto de nervosismo e curiosidade, caminha até a colina das palmeiras, onde o espera Manuel.

Ao se encontrarem, logo começam a conversar sobre tudo: a vida, a miséria que os cerca e a esperança de um futuro melhor. Com entusiasmo, Manuel apresenta o projeto que tem em mente para a comunidade, enfatizando a importância de um sistema de irrigação que beneficie a todos. Ele aproveita a oportunidade para abordar a desunião que existe entre sua família e a de Annaíse, reconhecendo que, mesmo que consiga encontrar uma nova fonte, não poderá trazer água para a comunidade sem a colaboração de todos.

Com a voz tomada pela emoção, ela disse: – Sim, vais dar com a água. És o negro que acharás a água, serás senhor das fontes, caminharás com o teu orvalho entre as tuas plantas. Sinto tua força e tua segurança. – Eu sozinho, não, Anna. Todo mundo vai lucrar, a água vai servir a todos. Ela deixou cair os braços com desânimo. – Ai, Manuel, ai, meu irmão, eles passam o dia todo afiando os dentes com ameaças; um detesta o outro, a família está em desacordo, os amigos de ontem inimigos são. Fizeram de dois mortos as suas bandeiras, e esses mortos ainda estão empapados de sangue, e esse sangue ainda não secou. – Eu sei, Anna, mas escuta bem: vai ser uma trabalhadora levar a água até Fonds Rouge; todo mundo terá de ajudar e se não fizerem as pazes não se arranja nada (Roumain, 2020, p. 80).

Manuel expressa sua esperança de que, juntos, possam superar as divisões e trabalhar em harmonia. Ele a convence da importância de conversar com sua família sobre como poderiam promover a paz e a cooperação. Com essa união, ele acredita que a comunidade terá uma chance real de prosperar e enfrentar a crise da água. Juntos, decidem montar uma estratégia para divulgar a notícia do projeto de irrigação, começando pelas mulheres da comunidade. E este dia inicia um belo romance entre Manuel e Annaíse.

– Quando eu der com a água, eu te aviso e tu comesças a falar com as mulheres. Mulher é mais difícil de lidar, não digo que não, mas também é mais viva e age mais com o coração; e, às vezes, tu sabes, o coração e a cabeça são uma coisa só. Tu chegas e falas: “Prima fulana, já sabes da notícia?” “Que notícia?”, pergunta ela. “Dizem que esse rapaz Bienaimé, esse negro que se chama Manuel, descobriu uma nascente. Mas ele diz que é um trabalhão trazer água para a planície, que é preciso fazer um

mutirão de todo mundo, mas, como todo mundo anda brigando, não é possível e a fome vai ficar lá onde está semprestar para ninguém”. Depois, puxas a conversa para o lado da seca, da miséria e dos meninos que enfraquecem e adoecem e, se se tivesse água, se houvesse um canal, tudo virava pelo avesso; e se ela se mostrar interessada, tu falas também que essa história de Dorisca e Sauveur já passou e que o interesse dos vivos vale mais do que a vingança dos mortos. Tu corres cada uma das comadres com essa conversa, mas com cuidado e com todo o jeito, com panos quentes como: “é uma pena, é; e sé, apesar de; pode ser que, contudo...” compreendeste, minha negra? –Compreendi e te obedecerei, meu negro (Roumain, 2020, p. 81).

No caminho de volta, Annaíse se encontra com seu primo Gervillis Gervilén, aquele que já havia demonstrado uma atitude hostil em relação a Manuel. Embora Gervilén também seja primo de Manuel, ele não considera essa relação devido à desunião entre suas famílias. Além disso, ele nutre sentimentos por Annaíse, mas ela nunca correspondeu a esse afeto. O que Annaíse não sabe é que Gervilén a observou por um bom tempo na colina, conversando com Manuel. Decidido a esclarecer seus sentimentos, ele a aborda e revela seu amor, pedindo que ela considere deixar seu tio solicitar sua mão. Annaíse, surpreendida e desconfortável, responde que isso seria um trabalho perdido, pois não sente o mesmo por ele. A rejeição provoca a fúria de Gervilén. Sentindo-se humilhado, ele diz que ela ainda se arrependerá de sua decisão e jura que irá se vingar de Manuel. Enquanto Annaíse se afasta, um pressentimento de que a situação pode piorar a acompanha, sem saber das consequências que essa animosidade poderá trazer.

Estou falando contigo, Annaíse. – Ainda não te cansaste de me xingar? – Foi porque eu estava doido de raiva. – Estás pedindo desculpas? Como se cada palavra lhe fosse arrancada com tenazes, ele murmurou: – Desculpe. Continuava a segurar a rédea. – Annaíse, esqueceste o que te falei outro dia? – Isso, nunca! – É tua última palavra? – É. – Não carece mandar meu tio Dorismé pedir a Rosana tua mão? – Não, é trabalho perdido. Lentamente e com esforço, a voz rouca de quem está sufocado, ele disse: – Vais te arrepender, Annaíse. E eu juro: quero que o raio me vire cinza e que a Virgem me cegue, se eu não me vingar. Na escuridão, ela adivinhou o rosto convulsionado de Gervilén. – Não me metes medo. Mas a inquietude dominava-lhe o coração. – Sou um homem de palavra; toma nota do que estou dizendo: esse negro vai se arrepender de ter atravessado no caminho de Gervillis Gervilén. Coitado dele! – Que é que vais fazer? – Coitado dele – torno a dizer. Um dia hás de saber o que eu quero dizer e aí podes morder a carne, que não sai sangue. – Eia! – gritou ele bruscamente ao cavalo, golpeando-lhe raivosamente a anca com a mão. O alazão partiu a galope e Annaíse teve dificuldade em dominá-lo (Roumain, 2020, p. 88)

Após várias buscas, Manuel finalmente encontrou uma nascente capaz de abastecer o Fonds Rouge. A primeira coisa que ele fez foi levar sua namorada, Annaïse, até o local para que ela pudesse ver a fonte com seus próprios olhos. Em seguida, decidiu que era hora de contar à sua família sobre o projeto que tinha em mente para a comunidade. Ele nunca havia revelado que estava procurando uma fonte de água, mas agora, com a nascente encontrada, achava importante compartilhar seu plano.

Quando Manuel contou aos pais sobre a descoberta, eles se encheram de alegria e orgulho. A ideia de que a água voltaria para a comunidade trouxe um sentimento de alívio e esperança. Aproveitando o momento de celebração, Manuel explicou os detalhes do seu projeto.

Agora, o primeiro passo é fincar uma fileira de barrotes bem juntos, para segurar a terra. Se começarmos a cavar direto no caldeirão, o terreno vai rachar, e a água se perderá por todos os lados. Depois, precisaremos fazer um canal principal, passando pela baixada e pelos campos, e cada um poderá puxar um rego para irrigar sua roça. O registro só será aberto quando o canal principal e os canais menores estiverem prontos. Seria bom também escolhermos alguém de confiança, um responsável por administrar a distribuição de água, para que cada um tenha o que precisa. Enfim, é um grande trabalho, mas com esforço coletivo, podemos fazer acontecer (Roumain, 2020, p.117).

Manuel sabia que o maior desafio seria reunir os moradores da comunidade para transportar a água até o Fonds Rouge. Principalmente seu pai, que provavelmente não aceitaria se reconciliar com as outras famílias, com quem tinham antigas rivalidades. Mesmo assim, Manuel, um verdadeiro patriota acreditava que todos os moradores, independentemente dos conflitos passados, tinham direito à água. Para ele, a necessidade da comunidade era maior do que qualquer disputa. Com ou sem o apoio de seu pai, ele estava decidido a seguir em frente e garantir que todos pudessem se beneficiar da nascente. Decidido a agir, Manuel pediu a Laurélien, um amigo da família, que procurasse as outras famílias e informasse sobre a descoberta da fonte de água. Ele pediu que Laurélien explicasse que a comunidade precisava da ajuda de todos para trazer água até o Fonds Rouge.

– Procurar os outros. Chego e digo: é verdade o que se diz por aí, compadres. Dei com uma fonte que pode regar todas as roças da baixada,

mas para trazer a água até aqui é preciso a ajuda de todo mundo, um mutirão geral. Isso é o que é necessário. O que uma não pode, duas mãos fazem. Vamos estender as mãos um para o outro. Minha proposta é a paz e entendimento. Que vantagem a gente tem em ser inimigos? Se vocês não sabem a resposta basta olhar seus filhos, suas roças: a morte está em cima deles, a miséria e a desolação estão acabando com Fonds Rouge. Nesse caso, vamos ouvir a razão. O sangue correu entre nós, eu sei, mas a água lavará o sangue e a nova sementeira vingará sobre o passado e irá madurar sobre o esquecimento. Só tem um meio de salvação, só um, não temos dois: é refazer a amizade da boa família de vizinhos, a união dos trabalhadores da terra, de irmão a irmão, aguentar todos juntos nossas penas e nosso trabalho, de camaradas a camaradas (Roumain, 2020, p.118)

A notícia se espalhou rapidamente pela comunidade. Enquanto Annaïse compartilhava a novidade com as mulheres, Laurélien fazia o mesmo entre os homens. No entanto, para Manuel, apenas espalhar a notícia não era o suficiente. Ele sentia que precisava ir além, e decidiu ir pessoalmente de casa em casa, falando com os vizinhos, um por um, sobre seu projeto e sua esperança de unir a comunidade em torno desse objetivo comum.

Enquanto isso, os vizinhos, com quem Manuel tinha mais dificuldades de comunicação, decidiram realizar uma reunião para discutir a proposta de paz e cooperação que Manuel trouxe. O objetivo era avaliar se estavam dispostos a colaborar para trazer a água à comunidade.

Na reunião, a maioria dos membros da família estava de acordo com a ideia de fazer as pazes e apoiar o projeto de Manuel. Porém, havia dois membros que discordam: Gervilén e Nerestán. Ambos estavam relutantes em aceitar a proposta de reconciliação. Gervilén, ainda preso às antigas rivalidades, não via com bons olhos colaborar com as outras famílias. Diante dessa divisão interna, a reunião terminou sem uma decisão clara. A proposta de paz de Manuel ainda estava pendente, e a comunidade continuava dividida, sem saber se conseguiria superar os conflitos para trabalhar em conjunto em prol da água.

3.2 A morte do Manuel Jean Joseph

Já se passaram alguns dias desde que a reunião foi realizada, e nada foi decidido sobre a proposta. A participação desses homens era primordial para o sucesso do projeto, e Manuel

percebeu que a indecisão deles poderia colocar em risco o futuro de sua iniciativa. Aproveitando que seu pai estava viajando, ele decidiu que era o momento de agir. Sabia que poderia convencê-los de que a única solução para o problema da água seria a reconciliação e a união de todos.

Naquela noite, Manuel colocou seu plano em ação. Esperou até que sua mãe estivesse dormindo e, com cuidado, abriu a janela para sair sem ser notado. Com passos silenciosos, ele seguiu na direção do local onde a reunião aconteceria.

Quando Manuel chegou, entrou discretamente e cumprimentou a todos. Não perdeu tempo e, sem rodeios, foi direto ao ponto. No entanto, Gervilén não deixou que ele falasse. Interrompeu-o a cada palavra, trazendo à tona a antiga história do assassinato de seu pai, cometido pelo tio de Manuel. Gervilén acreditava que o assassinato de seu pai nunca havia sido vingado.

Manuel atacou diretamente o assunto: – Temos um jeito de sair da seca e da miséria: é acabar com esse desacordo. – Coisa com sangue no meio não acaba nunca – gritou Gervilén. – O sangue correu, o sangue de Dorisca. Era meu pai. Já esqueceram? – E Sauveur morreu na cidade – disse Larivoire. – Foi a vingança. – Não, porque não fui eu que acabei com ele, com estas mãos, com minhas mãos (Roumain, 2020, p.146).

Antes de se retirar, Gervilén não hesitou em lançar uma ameaça dura e ameaçadora a Manuel. "Atravessaste duas vezes no caminho de Gervilis Gervilén. Uma vez já era demais " disse ele, com voz firme e carregada de raiva (Roumain, 2020, p.148). Com essas palavras, virou-se e desapareceu na escuridão da noite, deixando Manuel carregado com o peso da ameaça e o ambiente tenso. O que inicialmente parecia uma tentativa de reconciliação estava, a cada palavra, se tornando mais difícil e arriscado.

Mais uma vez, a reunião terminou sem uma decisão concreta. Larivoire, o porta-voz da família, prometeu a Manuel que, no dia seguinte, daria uma resposta definitiva sobre a proposta. Manuel, embora ainda preocupado com a ameaça de Gervilén, saiu do encontro com o coração mais leve. A atmosfera, que antes parecia irremediavelmente tensa, começou a mudar. Mesmo Nerestán, que antes havia rejeitado a ideia de reconciliação, agora aceitava a

proposta de paz e se compromete a ajudar a trazer água para a comunidade, sinalizando um possível caminho para a harmonia.

No caminho de volta, ouviu um barulho de pisoteio e não teve tempo de se virar para ver que recebeu uma pancada nas costas "um ruído de erva pisada o fez voltar-se. Não teve tempo de parar o golpe. A sombra dançou em sua frente e feriu outra vez. Um gosto de sangue subiu-lhe à boca"(Roumain, 2010, p.150). Manuel não morreu, mas foi gravemente ferido. Com dificuldade, ele deu alguns passos vacilantes em direção à sua casa, o corpo pesado e a dor intensa fazendo-o quase cair a cada movimento.

Com tremendo esforço um lado do corpo e o ombro estraçalhados pelas punhaladas, levantou-se, vacilando como um ébrio, os joelhos trêmulos, os pés de chumbo. E sempre esse balanceio do céu, essa náusea insuportável. Deu alguns passos, titubeante. Cada movimento lhe custava uma pontada terrível em suas feridas. Limpou a boca, que escorria sangue. Com as mãos estendidas para a frente, como um cego que tateia seu caminho nas trevas, atravessou a estrada. Faltou-lhe o chão para passar a valeta e tombou. Segurando-se com as unhas nos cardos e nas ervas, arrastou-se até a cerca e se pôs de pé num esforço de vontade desesperado. Arfava e um suor gelado molhava-lhe o rosto. Os dedos crispados seguiam a cerca; caminhava numa noite ofuscada de relâmpagos, a cabeça oscilando, tropeçando nas pedras. Desfalecimentos insuportáveis, que nasciam do vômito de algo espesso, coagulado, dobravam-lhe as pernas. Com o braço enlaçou uma estaca, mas seu peso morto o arrastava, ele rodava por terra. Voltava a si cada vez mais fraco, mas a determinação inflexível de alcançar a porteira de sua choupana ressuscitava-lhe as últimas forças. Avançava rastejando sobre o ventre, erguia-se por sobre a cerca (Roumain, 2020, p.151).

Chegando em casa, Manuel se apoiou com todo o peso contra a porta. Sua mãe, que estava dormindo, acordou assustada, abriu a porta e ao vê-lo tão ferido, começou a gritar desesperada. Mas Manuel, com esforço, pediu que se acalmasse e, entre gemidos, pediu para que a carregasse até a cama.

Com um fio de voz, Manuel pediu à sua mãe que perguntasse a Annaïse onde estava a fonte. Depois, com dificuldade, pediu que ela não avisasse o policial Hilarion. Não queria reviver a mesma tragédia que havia acontecido com Sauveur e Dorisca. Relembrou ela os sacrifícios que haviam feito aos loa³, "oferecendo sangue de galinha e de cabrito, na esperança

³ No crioulo haitiano, a palavra "loa" ou "lwa" refere-se às divindades da religião vodu no Haiti. Os loas são considerados "espíritos" que têm o papel de proteger, avisar sobre perigos, sugerir remédios e, em geral, ajudar nas dificuldades. No entanto, para que essa ajuda seja mantida, é necessário oferecer regularmente sacrifícios, seguir rituais e respeitar certos tabus. Caso essas obrigações não sejam cumpridas, o loa pode punir a pessoa, seja zombando dela ou colocando seus negócios em risco. (Dalberto, 2014 apud Hurbon, 1988, p.123-124). No Haiti, é comum ouvir

de que a chuva viesse. Mas nada havia adiantado. O que vale é o sacrifício do homem. É o sangue do negro"(Roumain, 2020, p.155).

Manuel, já enfraquecido, pediu à mãe que procurasse Larivoire e lhe contasse: "Diga a ele o que significa o sangue que correu: a reconciliação, a reconciliação para que a vida recomece. Para que o dia possa nascer sobre o orvalho". Antes de fechar os olhos, com a respiração difícil murmurando seu último pedido: "cantem no meu enterro... cantem no meu enterro um canto de *coubite*⁴" (Roumain, 2020, p.155).

Dieumette (2015) destaca dois elementos principais neste trecho: a dimensão transcendental da narrativa e a ideia de justiça. A dimensão transcendental refere-se a algo que vai além da experiência cotidiana humana, situando-se entre o terreno e o divino, entre o material e o espiritual. É, ao mesmo tempo, supra-humano e trágico. Supra-humano, pois o sacrifício e o desejo de reconciliação de Manuel ultrapassam o ordinário, assumindo a forma de um ato heroico e simbólico. Sua morte e seus últimos desejos são interpretados como um apelo por uma justiça superior, que vai além das leis humanas e da realidade terrena.

Continuando no ponto da morte de Manuel é possível notar que a sua morte carrega diversos significados.

Segundo Tchomba (2017), a morte de Manuel seria, assim, o resultado de um processo sacrificial, destinado a acabar com os diversos conflitos que dividiram o Fonds-Rouge. Entre esses conflitos, está a morte de Dorisca, assassinada por Sauveur. Manuel, que pertencia ao grupo do assassino, acaba exacerbando o ódio, principalmente por causa de seu romance com Annaïse, prima de Gervilén. Dessa forma, Manuel acaba sofrendo o mesmo destino da vítima morta por sua própria família.

A morte de Manuel é interpretada como um sacrifício aos "loa". Manuel acredita que o verdadeiro sacrifício vem do sangue humano. Isso se torna ainda mais compreensível, pois os sacrifícios anteriores não trouxeram resultados positivos. Os deuses não responderam aos

expressões como "tal pessoa tem loa", significando que alguém é protegido ou possui um espírito ligado à religião vodú. Essa religião é semelhante ao candomblé brasileiro.

⁴ Combite uma palavra amplamente utilizada no Haiti e pode ser traduzida para o português como "mutirão". Refere-se geralmente a um grupo de pessoas temporárias que se reúnem para ajudar parentes ou vizinhos em tarefas relacionadas ao trabalho na terra. Não se trata de um trabalho remunerado; o organizador do combite oferece bebidas e alimentos aos participantes. Em troca, cada pessoa que participa deve estar disponível para ajudar novamente quando outro combite for organizado. Esse tipo de colaboração ocorre em atividades como a limpeza de terrenos para o plantio, e também pode ser utilizado para trabalhos de interesse público na comunidade.

sacrifícios feitos anteriormente. Como ele mesmo diz: "Vocês fizeram sacrifícios aos loa, ofereceram sangue de galinha e de cabrito para que chovesse, mas não adiantou nada. O que vale é o sacrifício do homem. É o sangue do negro"(Roumain, 2020, p.155)

Essa crença de Manuel revela uma visão mais radical e desesperada diante dos fracassos anteriores. Ele vê no sangue humano, especialmente o seu, uma forma de apaziguar os deuses e trazer uma mudança para a comunidade, uma resposta que os sacrifícios menores não conseguiram obter.

No entanto, há diversos autores que interpretam a atitude de Manuel como a de um Redentor. Considerando sua vida e morte como uma analogia à missão de Jesus Cristo no mundo.

Segundo Damus (2013), Manuel é um personagem com uma dimensão messiânica, sendo sacrificado no altar do ódio implacável de Gervilén. Ele morreu para salvar a comunidade. Esse personagem cristão morreu por seu amor aos outros e por seu profundo senso de bem-estar coletivo.

Conforme ST Vil *et al* (2024), " Roumain parafraseia o fim da vida de Jesus na cruz. Em vez de buscar vingança, Manuel se coloca como o salvador de Fond-Rouge, sacrificando-se pelo povo".

Para Santana (2003), Manuel é visto como uma figura iluminada, alguém que trouxe as boas novas para a comunidade de Fond Rouge. Ele traça um paralelo entre a missão de Manuel e a de Jesus Cristo em Israel. Assim como Jesus trouxe uma nova fé e esperança ao povo de Israel, Manuel tinha a missão de revitalizar e unir a comunidade de Fond Rouge, oferecendo esperança e renovação.

Dieumetre (2015) também observa que a morte de Manuel pode ser comparada à morte de Jesus Cristo. Ambos vieram ao mundo para dar suas vidas em um ato de sacrifício. Assim como Jesus deu seu sangue para salvar a humanidade, Manuel, vindo de Cuba e encontrando uma situação insuportável, também deu seu sangue para salvar o povo de Fonds Rouges. Sua morte não foi um acaso ou uma fatalidade, mas o resultado de sua própria escolha e sacrifício.

Além disso, sua morte foi também heroica. Manuel se sacrificou pelo bem de sua comunidade, oferecendo sua vida em um ato de coragem e entrega, em vez de buscar vingança ou se submeter ao desespero. Em nenhum momento, em seus últimos instantes, ele

revelou o nome de seu assassino. Ele preferiu levar esse segredo para o túmulo, acreditando que, se o nome fosse revelado, todos os obstáculos que enfrentou em sua busca pela água perderiam o sentido.

A morte de Manuel, portanto, não é apenas um evento trágico, mas um momento de grande simbolismo e sacrifício. Seu ato final, de não revelar o nome de seu assassino, mostra a profundidade de seu compromisso com a missão de salvar a comunidade e garantir que seu sacrifício não fosse em vão. Sua morte é um reflexo de sua fé no poder do sacrifício, um sacrifício que, mesmo doloroso, poderia trazer a salvação e a renovação para o povo de Fonds-Rouge.

3.3 A continuidade dos projetos após a sua morte

Após a morte de Manuel no romance *Os Senhores do Orvalho*, o projeto que ele idealizava, de trazer água para a comunidade de Fonds-Rouge, foi, de fato, realizado.

Embora Manuel tenha falecido, sua morte não foi em vão. Sua mãe desempenhou um papel crucial para que o sonho de seu filho se tornasse realidade. Após a morte de Manuel, ela seguiu o pedido do filho e dirigiu-se até a casa de Larivoire. Lá, contou os últimos desejos de Manuel, revelando sua vontade de que a comunidade se unisse para trazer a água necessária para a sobrevivência de todos.

“Ele me disse, foi isso que meu filho Manuel me disse: vocês fizeram sacrifícios aos “loa”, ofertaram sangue de galinhas e de cabritos para fazer chover, tudo isso não adiantou nada. Porque o que vale é o sacrifício do homem, o sangue do negro”. – É uma palavra muito justa – fez Larivoire, meneando a cabeça gravemente. – Ele disse mais: “Vai procurar Larivoire. Fala qual a vontade do meu sangue que correu: o entendimento, o entendimento (ele disse duas vezes), para que a vida recomece, para que o sangue se levante sobre o orvalho...” Eu, eu queria prevenir Hilarion, mas ele segurava minha mão. Ele dizia: “não”, “não”, e o sangue pisado escorria de sua boca: “assim iria se perder a água, é preciso salvar a água”. – Délira – disse Larivoire com voz rouca, e enxugou os olhos com o punho fechado – faz setenta e sete anos que as lágrimas não corriam dos meus olhos, mas ouve o que te digo, de verdade: teu filho era um negro

bom de verdade, um lavrador até a raiz dos cabelos, tão cedo não se verá outro igual. – Mãezinha – Disse Nerestán, com uma voz singularmente enternecida – que sofrimento estás tendo, mãezinha. – Sim, meu filho – respondeu Délira – e eu te agradeço o consolo, mas eu não vim aqui falar de minhas mágoas: vim dizer a vocês a última vontade de meu filho. Ele estava comigo, mas estava se dirigindo a vocês todos: “Cantem meu luto – me disse ele – cantem meu luto com um canto de mutirão”. Canta-se o luto, é o costume, com o cântico dos mortos, mas ele, Manuel, escolheu um canto dos vivos: o canto do mutirão, o canto da terra, da água, das plantas, da amizade entre os camponeses, porque ele quis, agora é que eu vejo, que a sua morte seja um começo da vida, para vocês todos (Roumain, 2020, p.179).

Com essa revelação, o projeto de Manuel começou a ganhar força. A comunidade, inspirada pela memória e pelo sacrifício de Manuel, uniu-se em torno dessa causa. O esforço coletivo para trazer água à comunidade tornou-se uma maneira de honrar seu legado e garantir o bem-estar do povo de Fonds-Rouge.

Movidos pelo sacrifício de Manuel e pela importância de seu sonho, os camponeses se uniram para continuar o trabalho que ele havia iniciado. A ideia de trazer água para a comunidade, um sonho de Manuel, foi encarada como uma missão coletiva. O esforço de todos foi direcionado para concretizar esse projeto essencial para a sobrevivência da comunidade. A morte de Manuel, com seu caráter sacrificial e messiânico, teve um impacto profundo nos camponeses, que sentiram a necessidade de honrar seu legado e seguir adiante com sua visão.

Bonvalot (2016) destaca: "Apesar dessa morte trágica, os camponeses implementam o sistema de irrigação que ele havia imaginado, e Manuel se torna o herói do renascimento da comunidade, um herói ecológico cujo espírito e memória serão perpetuados por Annaïse, grávida dele."

Assim, mesmo após sua morte, o sonho de Manuel foi levado adiante. O trabalho comunitário e o esforço coletivo culminaram na realização desse sonho, mostrando que, apesar das adversidades e da tragédia de sua morte, seu sacrifício foi o catalisador para a transformação da comunidade. A água finalmente chegou a Fonds-Rouge, e o projeto foi concretizado como uma forma de honrar sua memória e garantir o bem-estar do povo. "Mãe – disse Annaïse com uma voz estranhamente fraca. Aí está a água. Um delgado fio de água avançava pela planície e os moradores seguiam–gritando e cantando" (Roumain, 2020, p.187). Da mesma forma, sua memória será perpetuada por Annaïse, grávida de Manuel, simbolizando a continuidade de seu legado e a esperança para o futuro da comunidade.

4. A literatura a partir de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e de *Os senhores do orvalho*

4.1 Patriotismo nos romances

Nesta seção, exploramos como o patriotismo se manifesta nos romances, destacando o sacrifício dos heróis e a relação de literatura e patriotismo nas obras.

Antes de analisarmos o patriotismo nas duas obras, é importante entender a origem do termo "patriotismo". De acordo com Theis (2012), o conceito surgiu pela primeira vez no século XVIII, em resposta à Revolução Francesa. Para o autor, isso não significa que alguém deva ser incondicional em relação às ações do seu país. Na verdade, o patriotismo não exige que uma pessoa concorde com tudo o que seu país faz; pelo contrário, ele pode incentivar uma reflexão crítica, visando sempre melhorar a nação.

Theis (2012) define patriotismo como "o amor que se sente por um país ou local, simplesmente pelo fato de residir nesse país" (p.1). Isso significa que qualquer pessoa pode cultivar esse sentimento por sua nação, e esse amor é uma expressão natural.

No livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, o patriotismo é abordado de maneira irônica e crítica, refletindo a visão do autor sobre o nacionalismo e a realidade social do Brasil no início do século XX. Através da narrativa, percebe-se que o patriotismo é um tema central, abordado de maneira complexa. Citando as palavras Hemilewski (1998), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* traz uma crítica ao nacionalismo patriótico e sagrado que surge na literatura brasileira após a Independência e é reavivado pela intelectualidade no início do século XX. Essa forma de nacionalismo é uma característica marcante do protagonista Policarpo Quaresma, como se evidencia no seguinte trecho:

Policarpo era um patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tornou-se inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério e grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa" (Barreto, 2012, p. 5, 6).

Esse trecho revela como o amor pela pátria de Policarpo é profundo e reflexivo, distanciando-se de um patriotismo superficial. Sua busca por compreender o Brasil é impulsionada por um desejo genuíno de contribuir para o seu progresso, o que torna sua figura emblemática na crítica ao nacionalismo excessivo da época. Assim, ele representa um patriotismo absoluto e devotado, repleto de sofrimento e abstinência. Seu amor pelo Brasil é autêntico e se reflete em ações que demonstram seu sincero desejo de promover o bem-estar da nação. Ele acredita que seus projetos podem tornar o Brasil mais próspero, motivado não por interesses pessoais, mas por uma firme convicção de que a nação pode ser mais justa e desenvolvida. Policarpo se preocupa profundamente com o futuro do país e almeja vê-lo evoluindo em direção a um destino melhor.

Esse patriotismo se reflete em suas tentativas de implementar reformas significativas. Ele defende a necessidade de uma identidade nacional mais forte e de mudanças profundas, como a proposta de adotar o tupi como língua oficial, buscando valorizar a cultura indígena na sociedade brasileira. Ao tentar reviver o uso do Tupi-Guarani, Policarpo procura fortalecer uma identidade que considera mais autêntica e conectada às raízes do Brasil. Essa busca vai além da história, refletindo um desejo de valorizar o que é genuinamente brasileiro, em vez de simplesmente imitar modelos estrangeiros (Barreto, 2012, p.44).

Embora seus projetos sejam frequentemente vistos como utópicos e irrealizáveis, seu desejo de melhorar o país é uma característica positiva. Para ele, o Brasil não é apenas um local a ser amado, mas uma nação que precisa de justiça e que deve evoluir. Policarpo está disposto a lutar e até a sacrificar sua vida por essas mudanças.

Como os três projetos antes de Policarpo Quaresma são ridicularizados e falham diante da sociedade, levando-o a uma decisão extrema na terceira parte do livro, ele decide entrar no Exército para tentar fortalecer a administração do país. Como um patriota verdadeiro Quaresma acredita que, como militar, poderia aliar seus estudos e seu trabalho como Subsecretário do Arsenal de Guerra à defesa dos interesses nacionais. Ele vê na Revolta Armada uma oportunidade de se dedicar ainda mais à pátria que tanto ama, oferecendo-se como voluntário na luta para proteger o governo contra ameaças que poderiam comprometer a ordem, o progresso e a soberania do Brasil. Para se preparar, Quaresma se dedica a estudar artilharia, balística, mecânica e cálculo, acreditando que, ao dominar essas áreas, poderia garantir a precisão dos disparos de seus comandados.

No entanto, ao se envolver com a realidade do Exército e do governo, ele começa a perceber situações de injustiça e corrupção. Ao tomar conhecimento de práticas corruptas,

Quaresma decide denunciar essas irregularidades ao presidente Marechal Peixoto. Essa atitude crítica, porém, o coloca em conflito com as autoridades e resulta na condenação de sua vida, já que o presidente vê sua denúncia como uma ameaça à estabilidade do governo.

A obra de Lima Barreto revela o verdadeiro significado do patriotismo como uma força transformadora e crítica. Para Policarpo Quaresma, o amor que ele sente pelo seu país é tão profundo que vale mais do que sua própria vida. Essa devoção inabalável destaca a importância de um patriotismo que busca não apenas a exaltação da nação, mas também a promoção de mudanças significativas e justa para o bem-estar da sociedade.

Por outro lado, em *Os Senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain, o patriotismo é explorado de maneira profunda e com uma perspectiva que mistura nacionalismo e compromisso social. O romance, ambientado no Haiti, trata da luta do povo rural contra a exploração e as injustiças sociais, e o patriotismo, neste contexto, está profundamente vinculado à ideia de emancipação do povo oprimido.

O protagonista, Manuel, é um camponês que enfrenta inúmeras dificuldades para garantir um futuro melhor para sua comunidade. Sua luta representa uma visão positiva de patriotismo, pois seu amor pelo Haiti está intimamente ligado ao desejo de libertar sua comunidade.

No decorrer da narrativa, o patriotismo é visto não como uma devoção cega à pátria, mas como um compromisso com o bem-estar coletivo e a busca por liberdade para o povo de Fonds Rouge. Acredita que o futuro do país depende da conscientização e mobilização dos trabalhadores rurais, reconhecendo que a verdadeira mudança social surge da união e da força comunitária. Nos quais os personagens se unem em torno de um objetivo comum: trazer água para a comunidade, o que pode melhorar suas condições de vida. Essa perspectiva destaca que o patriotismo autêntico se fundamenta no compromisso com o bem-estar comum e na luta por justiça e dignidade para todos. Através de sua dedicação, Manuel se torna um símbolo de esperança e resistência, mostrando que a transformação é possível quando as pessoas se juntam em prol de um objetivo maior.

De acordo com Staudt (2021), a obra foi criada em um contexto global caracterizado por grandes guerras e o crescimento de ideais fascistas, além de práticas desumanizantes, como o Holocausto. Nesse ambiente, obras literárias que traziam esperança e a possibilidade de mudar a realidade, como *Os Senhores do Orvalho*, ganhou grande importância. Essa obra não apenas captura a angústia da época, mas também oferece uma visão de resistência e

renovação diante das dificuldades. Assim, o patriotismo no livro é associado à luta contra a opressão colonial e à exploração dos recursos naturais e humanos do país.

O patriotismo em *Os Senhores do Orvalho* está intimamente ligado a um nacionalismo consciente e transformador, que busca a liberdade do povo e a justiça social, em contraste com uma visão superficial que exalta o país sem considerar as reais condições de vida da população.

Analisando, o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e *Os Senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain, observa-se que os dois livros compartilham semelhanças no que diz respeito ao patriotismo, embora cada obra aborda o tema de maneira distinta e no contexto de suas respectivas sociedades.

Ambos os protagonistas têm um amor profundo por seu país e desejam vê-lo melhorado. Policarpo Quaresma busca reformas radicais para transformar o Brasil em uma nação mais justa e civilizada, enquanto Manuel Jean Joseph luta pela emancipação de sua comunidade de Fonds Rouge e pela justiça social.

Tanto Policarpo quanto Manuel criticam as injustiças que cercam suas sociedades. Policarpo denuncia a corrupção e a apatia em relação aos problemas sociais do Brasil, enquanto Manuel enfrenta a exploração econômica e a desigualdade no Haiti. Em ambos os casos, o patriotismo está ligado a uma crítica das estruturas de poder existentes.

Outrossim, os romances tratam da busca por uma identidade nacional autêntica. Policarpo propõe a valorização da cultura indígena e a adoção do Tupi-Guarani como língua oficial, enquanto Manuel se empenha em valorizar as raízes e as tradições do povo haitiano como parte de sua luta.

Ambos romances apresentam uma visão de patriotismo que envolve amor pela pátria, crítica social e o desejo de transformação. No entanto, as abordagens e contextos distintos em que as histórias se desenrolam levam a interpretações variadas do que significa ser patriota e como essa ideia pode ser concretizada na prática.

4.2 O sacrifício dos heróis

Nos dois romances a temática sacrifício está presente. Policarpo Quaresma, de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, e Manuel Jean Joseph, de *Os Senhores o Orvalho*, são personagens que se tornam heróis por suas lutas e sacrifícios em prol de uma pátria melhor.

Segundo Chevalier *et al* (2002), sacrifício é um símbolo de abrir mão dos laços terrenos por amor ao espírito ou a uma divindade. Isso significa que o sacrifício está profundamente ligado à ideia de renúncia e devoção.

Desde o momento de sua prisão, Policarpo Quaresma aceita o sacrifício, disposto a oferecer sua vida em busca de um futuro melhor. Ao perceber que seus projetos para o país fracassaram e que não pode mudar a realidade, ele passa a acreditar que sua morte pode se tornar um símbolo de esperança para as futuras gerações. Ele espera que essa geração compreenda sua luta e continue o que ele começou. Seu sacrifício não tem como objetivo apenas provocar mudanças significativas na sociedade, mas também impactar profundamente a vida de sua afilhada Olga e de seu amigo Ricardo, inspirando-os a perseverar na busca por um Brasil mais justo e igualitário. Ricardo, inspirando-os a seguir adiante na busca por um Brasil mais justo e igualitário.

Manuel Jean Joseph encarna a coragem e a honra, lutando heroicamente para garantir que sua comunidade tenha acesso à água e um futuro melhor. Ele promove a união e a coletividade em sua comunidade. Ele acredita que a desunião apenas gera ódio e conflitos, enquanto a solidariedade pode levar a grandes realizações. Para ele, se todos se unirem, podem alcançar conquistas significativas para o bem-estar da comunidade.

Diferente de muitos, ele não vê a seca como uma punição divina. Com determinação, ele descobre uma nascente que pode abastecer um sistema de irrigação, permitindo que a comunidade cultive suas terras e viva com dignidade. Entretanto, ele enfrenta um grande obstáculo: as famílias estão presas a antigos conflitos e relutam em se unir em prol da causa da água.

Jean Joseph faz um sacrifício pessoal para unir sua comunidade, tornando-se um catalisador para a organização e a luta coletiva. Seu ato é descrito como uma força da natureza, semelhante à chuva que fertiliza a terra, e é visto como essencial para a renovação da comunidade. Ele menciona que a comunidade costumava oferecer galinhas e cabritos em busca da chuva, mas ela nunca chegava. Assim, seu próprio sangue é derramado "para que a vida recomece, para que o sangue se levante sobre o orvalho" (Roumain, 2020, p.179).

Ao ler a obra, evidenciamos que o sacrifício de Manuel não representa o fim da história, mas sim o começo de uma nova era. Ele inspira os outros a dar continuidade ao

projeto de irrigação, e seu sacrifício se transforma em um símbolo de união e paz para toda a comunidade.

No final do romance, ele mostra que, como humanos, temos o poder de mudar nosso caminho em direção a um futuro mais promissor. O sacrifício de Manuel Jean Joseph em *Os Senhores do Orvalho* é um ato de profundo significado, representando a luta por justiça, a esperança em um futuro melhor e a união da comunidade de Fonds Rouge. É um momento crucial na narrativa, que marca uma virada e inspira os personagens a continuarem a luta por seu bem estar.

4.3 Qual é a relação de literatura e patriotismo nos romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Os Senhores do Orvalho*?

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a relação de literatura e patriotismo é apresentada como uma grande ilusão. O autor Lima Barreto usa o personagem Policarpo Quaresma para mostrar que o patriotismo, na visão de Quaresma, é apenas uma metáfora vazia, uma ideia que o consumiu por completo e que acabou dominando sua vida de forma ilusória.

Policarpo Quaresma é apresentado como um personagem ingênuo e obcecado pela ideia de um Brasil idealizado, acreditando que o nacionalismo seria o caminho para construir uma pátria unificada e próspera. Seu patriotismo se expressa em tentativas como a de tornar o Tupi-Guarani a língua oficial do país e em propostas utópicas para resolver os problemas nacionais. No entanto, essa obsessão por um Brasil perfeito está completamente desconectada da realidade social e política do país. Quaresma vive imerso em um mundo de fantasias, alimentado pelas leituras em sua vasta biblioteca.

Conforme aponta Batista (2005, p. 37), sua obsessão pelas questões nacionais e seu patriotismo exacerbado o levam a acreditar que precisa colocar em prática suas ideias nacionalistas. "Como era um estudioso constante, procurava nos livros a fonte das tradições autênticas do Brasil." Dedicado a exaltar o Brasil e a acreditar em sua capacidade de transformá-lo, Quaresma desenvolve diversos projetos para melhorar a nação, mas sua falta de habilidades práticas e a incapacidade de concretizar suas ideias tornam seus esforços infrutíferos.

Segundo Sena (2012, p. 8), durante quase toda a sua vida, Policarpo Quaresma ficou preso às narrativas que legitimam os excessos de poder do Estado, especialmente por meio da retórica do patriotismo. O autor explica o quão é difícil perceber a racionalidade por trás das práticas e discursos que contornam as vivências dos indivíduos dentro de uma nação. Quaresma se concentra mais na teoria do patriotismo do que na prática, criando uma visão distorcida e idealizada do Brasil. Como resultado, ele se perde em suas próprias concepções de patriotismo,

A literatura em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* não é exclusivamente individual, embora o romance gira em torno de um personagem central, Policarpo Quaresma, e de sua visão de um Brasil idealizado. A obra de Lima Barreto vai além da experiência subjetiva de seu protagonista e serve como uma análise crítica da sociedade brasileira como um todo, abordando questões sociais, políticas e culturais que atingem a coletividade.

O personagem de Policarpo é, de fato, uma figura individualista em sua obsessão por um patriotismo idealizado, mas a literatura de Lima Barreto usa essa individualidade para refletir sobre as falhas e contradições da nação brasileira. Ao traçar o perfil de Quaresma, o autor expõe as tensões entre o ideal e a realidade no Brasil da época, e o caráter trágico do protagonista torna-se uma metáfora para a situação do país, especialmente em relação às suas instituições e ao nacionalismo.

Portanto, a literatura de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é, ao mesmo tempo, uma reflexão individual (através da psicologia e das ações de Quaresma) e uma crítica social ampla. O romance não se limita a uma narrativa centrada no indivíduo, mas utiliza sua história como um meio para questionar e expor as mazelas de uma sociedade que, muitas vezes, se distancia de seus próprios ideais de pátria e justiça.

A literatura no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* mostra que o patriotismo idealista de Quaresma o coloca em situações de isolamento e o expõe ao ridículo. Sua visão exagerada e desconectada da realidade o torna alvo de zombarias e na última parte do romance, ele é tratado como um traidor e acaba sendo condenado à execução pelo governo de Floriano Peixoto. Quaresma, em sua obsessão por um Brasil ideal, torna-se uma figura solitária, cujos projetos e ideais não encontram eco na sociedade, o que resulta em sua tragédia pessoal.

Essa visão do patriotismo idealista se conecta com o conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson (2008, p. 34), afirma que a nação é, na verdade, uma construção simbólica. Anderson aponta que a comunidade nacional não é formada por laços

tangíveis ou reais entre seus membros, mas por uma fraternidade imaginária, que cria as condições para que tantas pessoas se disponham a "morrer por criações imaginárias limitadas". Isso significa que o exercício do poder do Estado, que se alimenta da ideia de uma identidade nacional que, muitas vezes, é mais um mito coletivo do que uma realidade concreta.

No caso de Policarpo Quaresma, sua fé cega na "criação imaginária" de um Brasil idealizado o leva a um confronto com o poder vigente, que não compartilha de sua visão. Ao longo da obra, Quaresma se dedica a projetar uma nação baseada em suas ideias utópicas, mas, no final, ele percebe que todos os seus projetos e sonhos para a pátria não passavam de grandes ilusões.

Esse reconhecimento fica evidente em trechos como: "A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia" (Barreto, p.198). Nesse momento, Quaresma finalmente enxerga que a pátria que idealizou nunca foi real. Em outro trecho, é afirmado que ele "não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio" (Barreto, 2012, p.199), deixando claro que sua dedicação ao patriotismo foi fundamentada em algo instável e ilusório, que, ao fim, não resistiu à realidade.

Ainda assim, Quaresma se dispõe a se sacrificar por sua ilusão de patriotismo, o que constitui uma grande ironia do romance. Santiago (1984) aponta que o sacrifício de Quaresma se transforma em um bode expiatório em vão. O personagem, ao entregar sua vida por seus ideais, não recebe nenhum reconhecimento da sociedade brasileira, que permanece completamente indiferente ao seu sacrifício. Essa situação revela a tragédia da obsessão de Quaresma por um patriotismo idealizado: ele se entrega a algo que, na prática, não é valorizado nem pela própria nação que ele tenta salvar.

A literatura de Lima Barreto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* vai além de uma simples representação da realidade, funcionando como um espaço de crítica às contradições do Brasil e aos mitos do patriotismo e da nacionalidade da época. Através da figura de Policarpo, com suas atitudes extremas e sua fé cega no nacionalismo, o romance questiona a visão idealizada da pátria, transformando-o em uma figura trágica cujo fim simboliza o fracasso dessa ilusão. Barreto usa a paixão exagerada do protagonista para desconstruir as imagens fixas e idealizadas sobre o patriotismo, convidando o leitor a refletir de forma mais crítica e consciente sobre esse conceito.

Por outro lado, em *Os Senhores do Orvalho*, a relação de literatura e patriotismo é apresentada como vinculada à luta de uma comunidade oprimida que busca sua liberdade econômica e social por meio do acesso à água.

Jacques Roumain usa a literatura para explorar o conceito de patriotismo em um sentido mais profundo, focado na luta pela independência social e econômica do povo Fonds Rouge, especialmente os camponeses. Através do personagem Manuel, Roumain faz um apelo ao patriotismo revolucionário, destacando a importância da conciliação do povo para a transformação do Fonds Rouge. Como destaca Paravy (2012), “Roumain criou o personagem de Manuel para que ele pudesse mudar a parte ‘de dentro’ dessa pirâmide social básica que constitui a comunidade rural, ensinando-lhe a construir seu futuro, em vez de sofrer passivamente sua condição miserável” (Paravy, 2012, p.13). Isso demonstra como Roumain constrói o protagonismo de Manuel, oferecendo uma reflexão profunda sobre as condições de vida no Haiti e a ideia de que é possível construir um futuro melhor.

No romance, a água desempenha um papel central, tanto como elemento simbólico de pertencimento quanto como o recurso que os camponeses buscam para garantir sua sobrevivência e liberdade. Segundo Staudt, (2021) “A água é a motivação de todos os acontecimentos e pode ser lida como a simbologia da própria vida”(p.4). Para Manuel, a luta pela água é, na verdade, uma luta pelo controle sobre o próprio destino, pela liberdade de viver bem. Como afirma Damus (2013), “Manuel entende que a água é um elemento que pode reconciliar os habitantes. A água representa uma grande questão ecológica coletiva. É um elemento que pode pôr em movimento a máquina do sistema ecológico”. Nesse sentido, a água representa, além de um bem vital, um símbolo de autonomia e independência.

Roumain usa o personagem de Manuel para mostrar que o verdadeiro poder da pátria está na luta coletiva e na união do povo. A força de uma nação, segundo o autor, reside na solidariedade e na ação conjunta daqueles que, como os camponeses, buscam garantir uma vida mais digna para todos. Manuel, em sua trajetória, não age sozinho, mas se junta aos outros camponeses para lutar por uma causa comum: o acesso à água, a criação de sistemas de irrigação e a construção de uma sociedade mais justa. Ele simboliza a ideia de que a transformação social e a verdadeira liberdade só podem ser alcançadas quando o povo se une em torno de objetivos compartilhados.

Como comentado na seção precedente, Jean Joseph realiza um sacrifício pessoal para unir e purificar sua comunidade. Ele faz aquilo que “o cabrito e as galinhas” não conseguiram proporcionar à comunidade: a purificação. Segundo Meruje *et al.* (2013), a função do

sacrifício, à luz da teoria mimética de René Girard, na obra *La Violence et le Sacré*, pode ser compreendida da seguinte forma:

A função do sacrifício, enquanto ritual, é nem mais nem menos que «purificar a violência.» Assim, este efeito catártico do sacrifício coloca uma fronteira à própria violência acabando apenas por se manifestar num processo ritual, levando a que todas as pulsões e tensões que existiam na sociedade sejam transferidas para esse ritual, o qual envolve sempre uma vítima expiatória permitindo assim a subsistência da sociedade, já que mediante tal transfere a violência foi satisfeita, pelo menos por algum tempo (Meruje *et al*, 2013, p.3)

René Girard (1979), com sua teoria mimética, nos ajuda a entender melhor o papel do sacrifício na narrativa. Segundo Girard, a violência acumulada dentro de uma sociedade precisa ser expurgada para que a ordem social seja restaurada. No caso do romance, essa violência está intimamente ligada à desunião entre os camponeses. O sacrifício de Manuel, ao ser lido dentro da perspectiva de Girard, cumpre a função de "purificar a violência" e devolve à comunidade uma chance de reconstruir a harmonia.

No ritual, a transferência das tensões sociais para uma vítima expiatória (no caso, Manuel) "satisfaz" temporariamente a violência, permitindo que a sociedade continue sua existência sem a desunião. É como se o sacrifício de Manuel fosse a válvula de escape para o acúmulo de tensões sociais, pessoais que existiam na comunidade. Neste sentido, Manuel não é apenas um herói individual, mas o "bode expiatório" necessário para o reequilíbrio coletivo da comunidade de Fonds Rouge.

A ideia de sacrifício, como apresentada no romance, também está diretamente ligada à questão da autonomia. O sacrifício de Manuel não é apenas uma entrega pessoal, mas uma ação que viabiliza a luta coletiva pelo direito à água e à liberdade. Em outras palavras, seu sacrifício é um meio para alcançar uma transformação estrutural que, sem ele, seria impossível.

No momento em que a comunidade decide unir-se após a morte de Manuel e agir coletivamente para garantir a água simboliza a emergência de uma autonomia popular, a transição de uma comunidade passiva para uma comunidade que age de forma consciente em

direção a um futuro melhor. A luta por recursos essenciais, como a água, reflete um desejo de independência tanto econômica quanto social. O sacrifício de Manuel, portanto, não é um fim, mas o começo de uma luta que se inicia com a união do povo para alcançar a liberdade e a dignidade.

Além disso, a teoria mimética de René Girard oferece um olhar sobre como as relações sociais se constroem com base em imitações e rivalidades, e como essas tensões podem ser resolvidas através de um mecanismo de sacrifício individual. Em *Os Senhores do Orvalho*, essa dinâmica é visível na forma como os camponeses, depois do sacrifício de Manuel, se vêem motivados a trabalhar juntos. A união que emerge da dor e da perda de um deles pode ser vista como uma superação da rivalidade e da competitividade individual, dando lugar ao espírito comunitário.

A partir desse ponto de vista, a literatura em *Os Senhores do Orvalho* ressalta que o sacrifício de Manuel não foi em vão. Ele atua como um meio de 'purificar' não apenas a violência explícita da sociedade, mas também a competição destrutiva e as rivalidades internas. Ao integrar o sacrifício de Manuel em seu imaginário coletivo, a comunidade de Fonds Rouge encontra a força para superar seus próprios limites e trabalhar juntos em prol de uma causa comum, um exemplo do poder transformador da ação coletiva.

5 Considerações finais

Quando comecei a pensar no projeto, antes de realizar a pesquisa, não imaginava que a análise dos romances *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e *Senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain, revelaria uma conexão tão profunda entre o Brasil e o Haiti. Embora separados por uma grande distância territorial, com o Haiti no Caribe e o Brasil na América do Sul, ambos os países enfrentam desafios semelhantes em termos sociais, políticos e culturais, o que os aproxima de maneira inesperada.

Ao analisar os romances, percebe-se que ambos foram escritos em momentos históricos em que tanto o Brasil quanto o Haiti estavam lidando com as dificuldades de se afirmar como nações independentes. O Brasil, no início do século XX, passava por um

processo de modernização, mas ainda vivia tensões internas sobre o conceito de nacionalismo e identidade. O Haiti, já independente desde 1804, continuava a enfrentar as consequências do colonialismo francês, além de lidar com exploração e desigualdade interna.

Apesar das diferenças geográficas e históricas, as obras têm em comum a busca pela construção de uma identidade nacional e a representação das complexas questões sociais de suas respectivas sociedades. Essa proximidade temática demonstra como, embora distantes no espaço, os desafios enfrentados por essas nações são muito semelhantes.

Surpresa com essa aproximação, senti-me motivada a realizar diversas pesquisas para identificar outros projetos que conectem Brasil e Haiti por meio das obras literárias.. Considerando o número expressivo de haitianos que estudam no Brasil, imaginei que encontraria mais trabalhos que fortalecessem essa relação. Descobri projetos nas áreas de linguística e ciências sociais, não encontrei nenhum projeto específico na literatura que promova essa ligação. Talvez este seja um dos primeiros trabalhos aproximando Brasil e Haiti no campo literário.

Como um dos primeiros trabalhos a explorar essa conexão entre os dois romances, enfrentei muitos desafios ao desenvolver a parte do artigo científico. Outrossim, *Os Senhores do Orvalho* seja um dos romances haitianos mais conhecidos no mercado brasileiro e amplamente traduzido no mundo, isso não significou facilidade em encontrar artigos acadêmicos sobre a obra, especialmente em português. Ainda assim, isso não comprometeu nossos objetivos; permanecemos determinados a analisar o tema patriotismo em duas obras.

No primeiro objetivo específico, que foi “Analisar o projeto de pátria de cada personagem”, exploramos os projetos dos protagonistas, ambos comprometidos em construir um futuro promissor para suas pátrias amadas. O patriotismo nas duas obras apresenta semelhanças marcantes: os personagens lutam com convicção e determinação por seus países, sem buscar ganhos pessoais. Seus projetos têm como propósito a construção de um país mais próspero e justo. No entanto, essa dedicação em ajudar suas nações acaba levando ambos à morte, o que nos conecta ao segundo objetivo específico: “Observar o sentido da morte dos protagonistas em ambos os livros”. A morte dos protagonistas carregam significados distintos. Em um dos romances, a morte simboliza esperança para uma nova geração, enquanto no outro assume um caráter messiânico, representando a salvação de sua comunidade que continuar com seu projeto de irrigação.

Como mencionado anteriormente, o patriotismo nos dois romances apresenta pontos semelhantes, mas a abordagem literária de cada obra é bastante distinta. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto busca desconstruir o conceito de patriotismo, evidenciando as falhas do protagonista ao tentar implementar seus projetos baseados em uma visão idealizada e ilusória. Policarpo Quaresma fundamentava suas ideias em teorias extraídas dos livros, mas na prática, fracassava completamente em transformar seus ideais em realidade.

Já em *Os Senhores do Orvalho*, Jacques Roumain apresenta uma visão diferente do patriotismo por meio do personagem Manuel, um patriota lúcido e pragmático. Com a experiência adquirida em anos vividos em Cuba, Manuel possuía um entendimento claro e prático sobre o projeto que queria realizar para sua comunidade em Fonds Rouge. Seu patriotismo não se limitava à teoria; ele tinha um plano concreto para canalizar a água para a região e estabelecer um sistema de distribuição justo, demonstrando uma abordagem prática e eficaz de seus ideais.

Concluindo a pesquisa, atingimos os objetivos propostos ao realizar uma análise comparativa sobre o patriotismo em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e *Os Senhores do Orvalho*, de Jacques Roumain. Focamos nos projetos de pátria dos protagonistas, no significado de suas mortes e na continuidade de seus projetos após seus falecimentos.

A pesquisa permitiu compreender como o patriotismo é representado e criticado em ambas as obras, destacando as semelhanças e diferenças entre os valores nacionais de Policarpo Quaresma e Manuel, e refletindo sobre os contextos históricos e culturais que influenciaram os autores.

Por fim, este trabalho visa contribuir para os estudos literários comparados, oferecendo uma compreensão mais profunda do patriotismo e da identidade nacional na literatura latino-americana. Ao explorar as complexas representações desses temas em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Os Senhores do Orvalho*, busca-se evidenciar como os autores abordam as tensões entre os ideais de nação e a realidade histórica, política e social de seus respectivos contextos. Dessa forma, pretende-se enriquecer a análise da literatura como um espaço de reflexão crítica sobre os desafios enfrentados pelas sociedades latino-americanas e caribenhas, destacando os esforços individuais e coletivos para a construção de uma identidade nacional mais justa e inclusiva.

No campo acadêmico, o projeto desempenha um papel importante no incentivo ao diálogo intercultural entre o Haiti e o Brasil. Ao destacar a relevância de obras como *Os Senhores do Orvalho* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o estudo ajuda a estabelecer pontes entre as duas culturas, promovendo a troca de conhecimentos e a valorização da diversidade cultural.

6 Referências

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. *Civilistica*. com, v. 1, n. 2, p. 1-7, 2012.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Barreto. *Revista Língua & Literatura*, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1998.

BARRETO, Lima. **Triste fim de policarpo quaresma**. Editora Companhia das Letras, 2011.

BATISTA, Edna Patricia de Moraes. *A loucura como crítica social na obra: triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto*. 2005.

BONVALOT, Anne-Laure. **Gouverneurs de la rosée Références de l'ouvrage**, 2016. Disponível em: <https://ecolitt.univ-angers.fr/fr/ressources-pour-tous/fiches-de-lecture/jacques-roumain-gouverneurs-de-la-rose.html> . Acesso em: 08 out. 2024.

DALBERTO, Germana. *A história em confronto: reinscrito o Haiti na modernidade*. In: *Desafios aos Estudos pós-coloniais: As Epistemologias Sul-Sul*. MENESES, M. Paula, VASILE, Iolanda (Orgs). *Debates / Cescontexto*, No. 05 Maio 2014, pp.179-210.

Da Silva, Cláudia Valéria. (2021). *Policarpo Quaresma: o triste fim de um visionário?*.

DA SILVA, Tâmara Ramalho; PEDROSA, Tristan Nathanael Veras. ASPECTOS RELACIONADOS AO NACIONALISMO NA OBRA TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA DE LIMA BARRETO. **Anais do Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**, v. 1, p. 1-10, 2020.

DAMUS, Oibrillant. Rapports entre l'Homme et l'environnement dans le récit de Jacques Roumain:«Gouverneurs de la rosée». **Études caribéennes**, n. 23, 2013.

GIRARD, René, Violence and the Sacred, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1979.

HEMILEWSKI, Ada Maria. O Nacionalismo em Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. **Revista Língua&Literatura**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1998.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. RJ: José Olympio, 17ª \vedição, 2002.

JEAN, Dieumette. **Donos do Orvalho de Jacques Roumain: Um projeto social para o Haiti Pós-terremoto**. 201ência da água e a fome em Senhores do orvalho e País sem chapéu. Revista do GELNE, v. 26, n. 1, p. e35500-e35500, 2024.

MERUJE, Márcio; DA SILVA ROSA, José Maria. Sacrifício, rivalidade mimética e “bode expiatório” em R. Girard. **Griot: revista de filosofia**, v. 8, n. 2, p. 151-174, 2013.

TCHOMBA, Ikanga Ngozi. De la quête de l'eau à la perte du sang dans “Gouverneurs de la rosée” de Jacques Roumain. **Mondes Francophones**, 2017. Disponível em : <https://mondesfrancophones.com/mondes-caribeens/de-la-quete-de-leau-a-la-perte-du-sang-dans-gouverneurs-de-la-rosee-de-jacques-roumain/#sidr-main>. Acesso em: 07 out. 2024.

THEIS, Wolfgang. O Patriotismo e Nacionalismo de Migrante. **Revista Primus Vitam**, v. 4, p. 55-63, 2012.5. Tese de Doutorado. [sn].

PARAVY, Florence. Les" gouverneurs de la rosée" au miroir des textes. In: **Anales de filología francesa**. 2012. p. 221-235. PARAVY, Florence. Les" gouverneurs de la rosée" au miroir des textes. In: **Anales de filología francesa**. 2012. p. 221-235.

PERIN, Gabriel Brum. CRÍTICA AO NACIONALISMO, À MODERNIDADE E AO POSITIVISMO EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA. **Revista Cadernos de Clio**, v. 10, n. 2, 2019.

SANTANA, Márcio Antônio de. **Literatura e construção da comunidade imaginada haitiana: uma leitura de Jacques Stephen Alexis e Jacques Roumain (1915-1971)**. 2003. 181 f. 2003. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Curso de Mestrado em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SANTIAGO, Silvano. Uma ferroada no peito do pé (Dupla leitura de Triste fim de Policarpo Quaresma. **Revista Iberoamericana**, v. 50, n. 126, p. 31-46, 1984.

SENA, Tatiana. Inventariando decepções: a devastação da guerra em Triste Fim de Policarpo Quaresma. **Revista Literatura e Autoritarismo-Dossiê Imagens de Devastação, Santa Maria**, n. 8, 2012.

SCHWARCZ, Lilia. Lima Barreto, Policarpo Quaresma e um outro patriotismo. **Nexo jornal**, 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/lima-barreto-policarpo-quaresma-e-um-outro-patriotismo>. Acesso em: 20 set. 2024.

STAUDT, Taíse et al. " **Senhores do Orvalho" na Bagagem: a Literatura nas Experiências de Haitianos no Brasil**. 2022. Dissertação de Mestrado.

ST VIL, Christopher Rive; FIGUEIREDO, Eurídice. Jacques Roumain e Dany Laferrière: o impacto do retorno, a ausik

PAURA, Rômulo Rafael Ribeiro. **Pretensões de nacionalidade: Lima Barreto e a questão nacional em Triste fim de Policarpo Quaresma**. 2011. Tese de Doutorado. PUC-Rio.<<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>> Acesso em: 5 set 2024.

ROUMAIN, Jacques. **Senhores do orvalho: Jacques Roumain**. Carambaia, 2020.

ABSTRACT: This work proposes a comparative analysis of the novels *Triste Fim de Policarpo Quaresma* by Lima Barreto and *Os Senhores do Orvalho* by Jacques Roumain, focusing on the theme of patriotism. The research is organized into three chapters, each exploring different dimensions of this theme within the works. In the first chapter, we highlight the homeland projects advocated by Policarpo Quaresma, examining how he developed initiatives aimed at helping his homeland. We also analyze the meaning of his death, the continuity of his projects, and investigate whether the projects were maintained, how they were developed, and for whom they were completed. In the second chapter, we turn our attention to Manuel Jean Joseph, exploring his project of reconstruction and social transformation and evaluating the impact of his actions on his community. Similar to the case of Policarpo, we investigate the meaning of his death and the perpetuation of his projects after his passing. In the third chapter, we analyze the relationship between literature and patriotism in both novels.

KEYWORDS: Brazilian literature; Haitian literature; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; *Os Senhores do Orvalho*; Patriotism; Death.

RÉSUMÉ : Ce travail propose une analyse comparative des romans *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto et *Gouverneurs de la Rosée (Les Maîtres de la Rosée)* de Jacques Roumain, en se concentrant sur le thème du patriotisme. La recherche est organisée en trois chapitres, explorant différentes dimensions de ce thème dans les œuvres. Dans le premier chapitre, nous soulignons les projets de patrie défendus par Policarpo Quaresma, en examinant comment il a développé des initiatives visant à aider sa patrie. Nous analysons également le sens de sa mort, la continuité de ses projets, et nous nous interrogeons sur l'enquête si ces projets ont été maintenus, comment ils ont été développés et par qui ils ont été réalisés. Dans le deuxième chapitre, nous portons notre attention sur Manuel Jean Joseph, en explorant son projet de reconstruction et de transformation sociale et en évaluant l'impact de ses actions sur sa communauté. Tout comme dans le cas de Policarpo, nous analysons le sens de sa mort et la perpétuation de ses projets après son décès. Dans le troisième chapitre, nous analysons la relation de la littérature et du patriotisme dans les deux œuvres.

MOTS-CLÉS : Littérature brésilienne ; Littérature haïtienne ; *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ; *Gouverneurs de la Rosée* ; Patriotisme ; La mort.

Rezime: Travay sa a pwopoze yon analiz konparatif ant woman *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ki ekri pa ekri Lima Barreto ak *Mèt Lawouze* ki ekri pa ekri Jacques Roumain, konsantr sou tèm patriyotis. Rechèch la òganize an twa chapit, ki eksplwate diferan dimansyon tèm sa a nan liv yo. Nan premye chapit la, nou mete aksan sou pwojè peyi Policarpo Quaresma tap defann yo, analize kijan li te devlope inisyativ pou ede peyi li. Nou egzaminen tou siyifikasyon lanmò li, kontinyasyon pwojè li yo, epi nou fè rechèch sou si pwojè yo te kontinye, kijan yo te devlope, epi pa kiyès yo te arive fèt. Nan dezyèm chapit la,

nou konsantre sou Manuel Jean Joseph, eksplwate pwojè li pou rekonstriksyon ak transfòmasyon sosyal, epi evalye enpak aksyon li sou kominote li. Menm jan ak ka Policarpo, nou analize siyifikasyon lanmò li ak pèpetwasyon pwojè li apre lanmò li. Nan twazyèm chapit la, nou analize relasyon literati ak patriyotis nan de woman yo.

MO KLE: Literati brezilyen; Literati ayisyen; Triste Fim de Policarpo Quaresma; Mèt Lawouze ; Patriyotis; Lanmò.